

DE ARREPIAR

18+



Vol. 1

Moçambique Oculto

Baseado em fatos reais

MILTON MANJATE

DE ARREPIAR

Vol. 1

Moçambique Oculto

Baseado em fatos reais

MILTON MANJATE

Autor: MILTON MANJATE
Revisão: Entrelinhas Editores
Diagramação: Entrelinhas Editores
Ilustração: HDesign
Capa: HDesign
Imagem da Capa: Insidious Wallpapers
Colaboração: Elsa Guambe
Impressão: -

Agradecimentos: Família Manjate, Família
Guambe.

Manjate, Milton;

De Arrepiar vol.1 – Moçambique Oculto, 1. Ed, Maputo,
2019

ISBN: XXX-XX-XXX-XXXX-X

Copyright © 2019 by Milton Manjate

**À Winnie, minha princesa,
À minha falecida avó Celeste.
À todos que contribuíram
com experiências inspiradoras,
E acima de tudo e de todos,
À Deus, por me abençoar e proteger.**

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO.....	8
1. A Vila Algarve.....	12
2. Tatá Papá, Tatá Mamã	31
3. O Imbondeiro	42
4. A Casa da Rainha	61
5. A Igreja Demoníaca.....	66
6. Ku Khendla	79
7. Espírito de Patrão	94
8. A Viúva	112



“Existem poucas pessoas, mesmo entre os pensadores mais serenos, que não tenham sido ocasionalmente surpreendidas por uma vaga embora empolgante crença parcial no sobrenatural, devido à consciência de um carácter permanente tão espantoso que, enquanto meras coincidências, o intelecto foi incapaz de apreendê-las.”

– C. Auguste Dupin em *Mistério de Marie Rogêt*

(Edgar Allan Poe)





INTRODUÇÃO

Todo o não atéu que se preze acredita em Deus, independentemente da religião, todos nós acreditamos em uma força divina, que dá vida aos seres, criador do universo e tudo que a ele pertença. Acreditamos no bem, na luz, nos espíritos santos, porém, muitas das vezes optamos mesmo que involuntariamente, em fechar os olhos para o outro lado da mesma moeda, pois a fragilidade da mente humana tende a duvidar e até rejeitar tudo aquilo que não compreende.

Mas a verdade está lá, para os que despertam desse sonho de contos de fadas, pois é mais que um facto a existência de uma força maligna, oposta a força do bem, a escuridão na ausência da luz, o espírito mau que trava uma constante guerra com o espírito santo. Sobre tudo nós africanos, fanáticos por curanderismo, adeptos do obscurantismo, cultos de invocações espirituais e feitiçaria.

Provavelmente você já deve também ter passado por várias ruínas antigas em Maputo ou outras províncias de Moçambique, lugares bem em meio as veias da cidade e provavelmente você já se questionou o porquê da existência desses lugares abandonados,



e se você tiver sorte, deve ter ouvido algumas histórias bizarras sobre essas construções.

Neste livro você vai poder conhecer as verdadeiras histórias sobre esses lugares.

O que você está prestes a ler, obviamente não precisa acreditar, mas lhe garanto que são fatos reais, alguns deles vividos ou presenciados por mim, que eu decidi partilhar com você.

Você precisa saber que talvez aquela sensação que você têm de estar sendo observado, mesmo estando completamente sozinho, ou aquela presença ao lado da cama quando você está dormindo, não seja apenas impressão, talvez tenha alguém que você não possa ver ou tocar mas que está lá do seu lado. Mas não precisa se apavorar, é preciso compreender que nem todos espíritos são malignos e nos queiram fazer mal, pode ser que um ente querido falecido esteja lá olhando por si, te protegendo do verdadeiro mal. Mas o facto é que **NÓS NUNCA ESTAMOS SOZINHOS.**

Para proteger a identidade das pessoas que dividiram suas experiências comigo para que eu pudesse trazer à público, os nomes descritos nas histórias são fictícios.



Este livro, Moçambique Oculto, é o primeiro volume da trilogia DE ARREPIAR, escrito por Milton da Graça António Manjate, escritor amador que através de sua criatividade e pesquisa decidiu trazer para a contemplação do público adulto, algumas lendas urbanas assustadoras, sobre personagens sobrenaturais e lugares supostamente assombrados ao longo de todo o país, claro, baseado em factos e lugares reais.

Construções abandonadas, lugares com alta frequência de ocorrências de actividades paranormais ligadas a feitiçaria e até mesmo histórias sobre alguns dos feitiçeiros mais conhecidos em determinadas regiões do País.

A Obra trás um novo conceito da literatura contemporânea, abordando temas não muito explorados em Moçambique, uma mistura de terror, suspense e contos eróticos não censurados.

Bastante intrigante, o livro apresenta entre os textos algumas ilustrações que tornam a leitura bem mais interessante e excitante.

É constituído por 8 capítulos, sendo cada um referente a um lugar ou uma figura diferente.

1



A Vila Algarve



1. A Vila Algarve

No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia, as trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas. Deus disse: “Que exista a luz!” e as trevas permaneceram lá, porque este não é um livro de amor e salvação.



Desde muito jovem eu sempre fui muito curioso e amava as mais abomináveis histórias sobre fantasmas, actividades paranormais, por serem realmente as que me metiam medo, me apavoravam, e não os contos bobos de monstros, vampiros e lobisomens, isso nunca me assustou, mas quando se falasse de espíritos, feitiçaria, aí eu conseguia sentir meu coração acelerar, meu corpo gelar mais que um cubo de gelo. Eu não entendia



porquê isso me metia medo, nem porquê ao mesmo tempo me fascinava, até que eu cresci.

No ensino médio, em um trabalho investigativo sobre o colonialismo, descobri a fantástica e trágica história do edifício Vila Algarve, a história atraiu minha curiosidade e me fez querer estudar mais sobre ela, investigar mais. Mas não foi a história que todo mundo conhecia, foi o outro lado, o lado oculto, que quase ninguém falava. E durante essa investigação eu testemunhei algo tão medonho, apavorante, tão assustador que mudou minha vida para sempre e que me inspirou de certa forma a continuar com esse trabalho investigativo e então escrever um livro sobre isso. Mas isso, eu vou lhe contar lá mais para frente, agora vamos saber como tudo começou, as origens.

Segundo uma fonte que não posso obviamente revelar, durante a época colonial, o governo português, para manter o poder e combater a resistência na sua colônia, dispunha de uma força policial secreta, denominada PIDE (Polícia Internacional Do Estado), uma das principais ferramentas de trabalho dessa força era a Igreja Católica, como condição para que operasse em sua colônia, divulgasse a palavra de Deus e evangelizasse a população. Nessa altura, todas as igrejas católicas possuíam essa dupla função, por um lado em nome de Deus, evangelizavam as



peessoas, mostravam o caminho da salvação, mas por outro, espionavam e delatavam seus crentes que acabavam pagando por seus ‘’pecados’’ ainda em terra e não pela mão de Deus, mas sim do homem.

— *Como funcionava essa espionagem?*

Os padres, com promessas de salvação e redenção perante Deus, incentivavam seus crentes a confessarem bem mais do que seus pecados mas sim tudo relacionado com as actividades do sujeito, seus trabalhos, planos, por aí à fora. Em uma grande maioria, seus crentes eram contra o colonialismo e membros da resistência que lutava pela independência do país, sendo assim, boa parte deles confessavam fazer parte desta resistência. Somente isso já era motivo mais que suficiente para que os mesmos fossem detidos, os agentes, disfarçados de padres para obterem essas confissões, os detiam para investigação. Esses detidos, eram levados para a sede da PIDE, que adivinhe onde se localizava? Pois é, no edifício Vila Algarve.

O Edifício Vila Algarve, situado na esquina entre as Avenidas Ahmed S. Touré e Mártires da Machava, era por fora uma suposta casa de Padres, mas isso era na verdade uma fachada, pois era para lá que todos os detidos e todos os suspeitos de pertecerem à resistência eram levados.



Mas até aí, tudo bem, o problema era o que acontecia dentro dessas instalações.

Os detidos não eram levados lá para prestarem um depoimento nem aguardar julgamento. Eles eram investigados, torturados e executados das piores maneiras imagináveis. É impossível estimar a quantidade de almas que foram perdidas naquele lugar, mas alguns dizem centenas e até milhares de mortos.

Mas este não é um livro de história, se você quiser pode investigar por conta e risco próprio o passado daquele lugar, o que eu trago aqui, o que me intrigou, é o que acontece naquele lugar no presente.

Algumas pessoas relatam detalhes das torturas ocorridas lá, as formas como os prisioneiros eram executados. Histórias de horror, que mostram a crueldade do colono. Essa crueldade, esse sofrimento, essas mortes teriam originado um dos piores casos de assombração já visto talvez no mundo, uma sequência de actividades paranormais sem explicação lógica que têm apavorado diversas pessoas e que teriam obrigado a quem é de direito a posteriormente reforçar a vedação, elevar os muros para que o lugar não fosse invadido por sem-tectos que em busca de



abrigo ao calar da noite, presenciavam fenómenos estranhos e assustadores.

Eu vou lhe trazer apenas dois relatos, de duas pessoas que vivenciaram alguns desses fenómenos, uma delas sou eu.

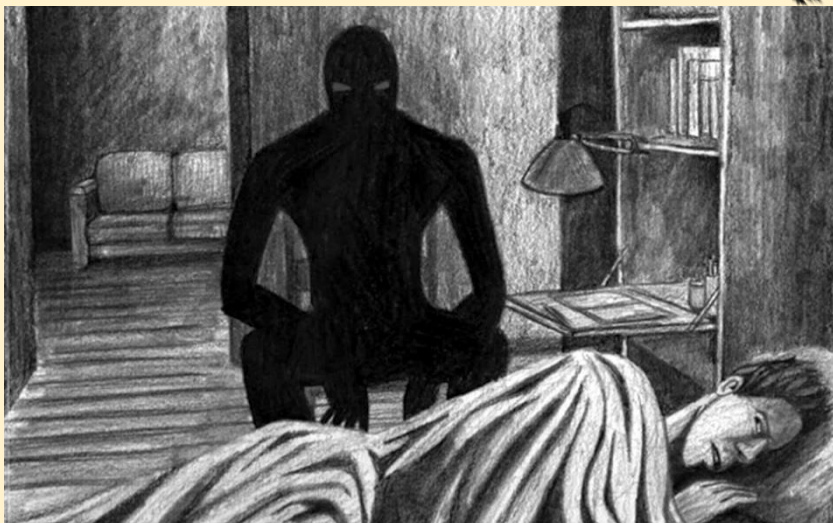
Primeiro a história de António, um morador de rua, que depois de anos mudando de lugar para lugar entre as ruas da cidade de Maputo, em meio ao frio congelante das madrugadas, viu em um edifício abandonado a oportunidade de se acolher.

— ‘Foi em Julho de 2014, eu me lembro de não conseguir dormir aquela noite pois para além da fome que era habitual, o frio não me deixava pregar os olhos, nessa altura eu dormia em frente à um pequeno supermercado na avenida 24 de julho, em uma cama improvisada de papelão e cobria tudo que eu podia encontrar, jornais, plásticos, pedaços de pano, para além de vestir todas as peças de roupas que encontrava nas lixeiras, mas naquela noite em especial, nada disso ajudava, daí que eu decidi ir caminhando em busca do que comer e um lugar mais quente para dormir. Estimo que já havia passado da meia noite quando passei por aquele lugar, era visivelmente um lugar abandonado. Sem portas nem janelas, muito sujo e descuidado, nem mesmo o luar conseguia iluminar o interior, era bastante escuro.



Incrivelmente, enquanto avaliava o lugar pelo lado de fora, eu tive a impressão de ter visto um vulto, como uma sombra de alguém se mexendo em meio à escuridão mas talvez porque a necessidade de um lugar para dormir fosse maior, decidi ignorar, preferi acreditar que pudesse ser outro sem-tecto se abrigando no local e decidi entrar.

Entrei e logo procurei um lugar quente, próximo à porta porque o lugar era mesmo muito escuro e não conseguiria enxergar onde iria pisar caso me atrevesse a ir mais para o interior, fiz minha cama improvisada em meio à poeira daquele lugar e me deitei. Passado alguns minutos alí deitado, comecei a sentir um cheiro muito forte, parecia cheiro de um animal morto, logo tapei as narinas com a camisa que eu fazia de almofada por cima de uma garrafa de 5 litros de óleo de motor, e continuei deitado, quando eu comecei a sentir uma forte sensação de estar a ser observado, como se eu estivesse com alguém do lado, nesse momento eu arregalei os olhos e comecei a olhar em redor para ver se estava lá a pessoa que eu achava tinha visto de início.



No canto da parede, no lado mais sóbrio do sítio onde eu estava, eu conseguia ver a silhueta de um homem, mas eu não conseguia ver o rosto, era como se fosse uma sombra que se misturava com a escuridão, encarrei o homem por alguns segundos, procurando entender se era realmente uma pessoa ou uma ilusão com algum objecto na escuridão, pois seja lá o que fosse, não se mexia. Quando ganhei coragem e tomei a iniciativa de falar, em changana eu perguntei:

— Quem és tu?, nesse momento, sem que eu tirasse ou piscasse os olhos, a figura simplesmente desapareceu.

Comecei a ficar assustado, levantei e fiquei sentado, olhei para os lados, peguei algumas pedrinhas que estavam no chão e



comecei a atirar em todas as direções para ver se atingia alguém mas nada. Eu já pensava em sair dali, porque o medo dominava meu corpo, nem vontade de dormir eu tinha mais, só pensava naquilo, procurando um milhão de possíveis explicações lógicas para o que acabava de ver, mas não querendo voltar para o relento, preferi mais uma vez tentar ignorar.

Deitei-me novamente para tentar dormir, na esperança de que mais nada estranho voltaria acontecer, para a minha surpresa, a minha almofada improvisada de garafa de óleo, não se encontrava mais lá, havia sumido do nada. Eu tinha quase certeza de que estava lá sozinho, mas aquilo já era demais, então decidi sair daquele lugar. Até então, eu só achava que algum outro sem tecto podia estar a me roubar secretamente, e tentando me assustar para abandonar o lugar, e como era minha primeira vez ali, não podia brigar pelo espaço pois se alguém tivesse chegado primeiro, ou residir lá com frequência, o lugar praticamente lhe pertencia.

Levantei-me, comecei a arrumar as minhas coisas, bastante chateado e assustado. Quando de repente, começo a ouvir passos, em outro cômodo, de princípio, foi para mim uma confirmação de que existia outro sem-tecto no lugar. Mas tudo viria a mudar quando ouvi uma voz, repetindo o que eu havia falado anteriormente, perguntando quem sou eu, em changana, mas não



era qualquer voz, era a minha voz, e no mesmo tom, repetindo várias vezes, até que o tom da voz começou a mudar, falava com mais raiva, e a voz ia mudando, ficando grossa e estranha, como se a pessoa estivesse chateada a espera de uma resposta.

Eu não sei o que me deu naquele momento mas não conseguia me mexer, senti meu corpo a tremer, pensava em fugir mas não conseguia dar o primeiro passo, quando de repente senti um vento gelado, como se algo tivesse passado por mim em alta velocidade que quase me derrubou. Nesse momento eu deixei cair o que havia segurado, e saí de lá a correr e a gritar por socorro.

Atravessei a rua para o outro lado, tentei entrar em um prédio vizinho, não consegui então continuei a correr sem parar por mais umas duas ou três ruas, apavorado, só parei quando encontrei um segurança dormindo sentado em sua cadeira. Sentei de lado dele, comecei então a contar o que acabava de me acontecer.

Eu não sei se ele acreditou, ou achou que eu fosse maluco por ser morrador de rua. Mas eu contei a verdade assim como conto agora para você. E eu jamais na minha vida colocaria os pés novamente naquele lugar, e não te aconselho a fazê-lo. O que eu presenciei lá eu tenho certeza que não é coisa deste mundo e com certeza não me queria ali.”



Bom, essa história, até então não passava de uma história para mim também. Uma história impressionante, mas apenas uma história. Pois por mais que eu gostasse de histórias de fantasmas e estivesse mais propenso a acreditar nelas, continuava sendo um pouco difícil para mim acreditar em algo dessa natureza sem ter provas, sem testemunhar.

Foi quando tive a infeliz idéia de visitar o lugar em busca de alguma coisa. Acho que foi por assistir muitos filmes de caça fantasmas não sei, mas mesmo assim decidi ir.

Uma semana após conhecer e ter essa conversa com o Antônio, tomado pelo tédio de um domingo chato em casa, decidi me arrumar e fazer um passeio pela cidade. Isso foi em 19 de fevereiro de 2017, essa data estará sempre gravada na minha memória, pois foi o dia em que eu comecei a encher o mundo com outros olhos, minha vida viria a mudar para sempre desde esse dia.

Chegado ao edifício Vila Algarve, o medo começou a tomar conta de mim, mas ainda era cedo, por volta das 16 horas, o pôr do sol iluminava melhor o interior do local, então como minha intensão no fundo era apenas conhecer o lugar e não dar de cara com um fantasma e me borrar de medo, era para mim a altura ideal para fazer uma pequena visita ao local. Então esperei por



um momento em que a rua ficasse minimamente vazia, para que eu pudesse pular o murro sem que fosse visto. E então o fiz.

Eu me lembro de ter pensado para mim mesmo tipo: “prontos, agora não há volta, vamos lá”,

Quisera eu que tivesse uma segunda voz de bom senso em mim, que dissesse algo tipo: “Não, ainda vais a tempo de voltar idiota, você vai se arrepender para o resto da vida se entrar aí.”, mas infelizmente essa voz havia ficado do lado de fora do murro, apavorada.

Então eu entrei, com uma falsa coragem e meio que esperando tudo, inclusive que encontrasse um guarda e me desse umas boas chamboqueadas por invadir uma propriedade. Mas para minha sorte ou meu azar, não tinha ninguém guarneecendo o local, depois eu entendi o porquê, o lugar não precisava de segurança, pelo menos não do homem.

Logo que passei pela porta, notei que a temperatura era diferente, apesar de não ter janelas e portas e o ar circular sem problemas, o interior era bem frio, mas prontos, podia ser efeito da sobra pois a exposição ao sol dá uma sensação térmica maior que a temperatura real. O lugar tinha muitas portas de acesso, eu mal sabia por onde percorrer durante a minha visitinha, o facto é



que não dava tempo para passar por todos cômodos, tinha que ser breve pois estava alí sem autorização, então procurei ir mais ao interior. Quanto mais eu entrava, mais escuro e frio ficava, o som do mundo exterior não se podia ouvir. Passei por uma sala enorme, com alguns desenhos similares as ilustrações que se podem ver do lado de fora, foi quando encontrei uma porta, que dava acesso a um compartimento bem menor e totalmente escuro, então tive a idéia de ligar o flash do meu celular, para ver o que tinha no interior. No momento em que eu liguei o flash e dei um passo para dentro daquela sala maldita. Meu corpo gelou, e olha que eu não havia visto nada demais ainda. O chão era quase preto de tão sujo e meio húmido, as paredes descascadas ou de alguma forma raspadas.

Quando de repente senti como se alguém tivesse chegado e parado bem atrás de mim, conseguia sentir a presença da pessoa mas não conseguia virar para ver quem era ou o que era. Por uns 15 segundos que para mim pareceram 15 minutos eu fiquei totalmente imóvel, tremendo liteiramente, quando finalmente tive coragem ou consegui virar a cabeça, nesse momento eu senti uma chapada, isso mesmo, uma chapada. Antes mesmo que eu pudesse ver o que havia me atingido eu caí naquele chão húmido. A última coisa que eu senti foi aquela mão gelada em meu rosto antes de ficar totalmente inconsciente.



Cerca de três horas depois daquilo, eu despertei. Para minha surpresa, bem perto da primeira porta de entrada, bem longe do lugar onde eu havia chegado.

Ainda meio confuso, tentando entender se aquilo era um sonho, não conseguia enxergar a luz do sol, quando percebi que o céu estava mais escuro do que eu me lembrava, foi então que eu comecei a ficar bem lúcido, por um breve momento eu pensei que pudesse ter sido vítima de um assalto, que aquele golpe que me deixou inconsciente, podia ter vindo de algum assaltante ou até



mesmo de um sem-tecto, sei lá, mas para minha surpresa, meu celular continuava na minha mão, minha carteira no meu bolso.

Fiquei muito assustado, e só me lembrava da história que o Senhor António havia me contado. E sem querer entender como eu fui alí parar em um lugar diferente de onde havia caído, e nem saber o que havia me deixado inconsciente muito menos o que teria acontecido nessas três horas, eu corri em direção à saída, e pulei o muro.

Corri sem parar e sem olhar para trás, atravessava as ruas sem olhar para os lados e por muito pouco não fui atropelado.

Então fui directo, apavorado para minha casa.

Chegado à casa, não quis nem cumprimentar ninguém, fui apenas fazer um banho rápido e fui me deitar. Muito apavorado, em choque, meu corpo ainda tremia e me sentia fraco. Até que depois de poucos minutos pensando naquilo, eu decidi que devia começar a escrever sobre isso. Que o mundo devia saber o que acontecia naquele lugar.

Então fui me sentar na sala, liguei o computador e comecei a escrever o que havia acontecido.



Já era um pouco tarde e o cansaço também já se fazia sentir. Decidi fazer uma pequena pausa, fui até ao sofá da outra sala e me deitei. Antes de me deitar eu reparei que meu celular estava sem carga então decidi deixar ele a carregar na tomada mais próxima. Já passavam das 23 horas era quase meia noite o trauma já havia passado, eu acho, e estava tudo normal. Todo mundo já havia ido dormir era só eu e a tv. Quando eu recebo uma mensagem de texto no celular. Levantei-me para ver quem era, apenas olhei a notificação e não quis abrir, não estava disposto a conversar principalmente aquela hora da noite. Voltei então a deitar-me no sofa. Quando naquele mesmo momento eu comecei a sentir algo estranho.

Comecei a sentir fortes arrepios, que iniciavam nos pés e subiam até a cabeça. Aquilo ia ficando mais forte e mais forte, foi então que eu tentei sem sucesso me levantar. Meu corpo não respondia mais aos meus comandos, eu tentava mexer a perna e nada, tentava mexer o braço e era como se ele não estivesse lá, eu parei e pensei, *“eu sei o que é isso, devo ter apanhado sono e estou a ter aquilo que chamam de paralesia do sono, já tive isso antes, mas vou lutar contra isso.”* Foi quando tentei fazer o máximo de força para jogar meu corpo contra o chão, mas não consegui mexer nem um dedo, nesse momento comecei a ficar apavorado. O quarto da minha tia era bem do lado da sala, eu



pensei, deixa tentar chamar ela, tentei gritar, chamar pelo nome, pedir socorro, e nada, minha voz não saía. Inevitavelmente comecei a pensar no que havia passado mais cedo, será que têm a ver, será que aquilo me seguiu até minha casa, o que está acontecer pelo amor de Deus?.

De repente os calafrios e arrepios agravaram-se, meu corpo vibrava, eu sem conseguir me mexer e nem gritar. Comecei a fazer orações dentro de mim. Pedia para que Deus me protegesse. Quando algo mais bizarro aconteceu. Ouvi uma voz, claramente de um homem, bem nítida como se viesse de trás do sofá, como se a pessoa estivesse ali parada e falando, mas eu não conseguia virar a cabeça para ver quem, a voz só disse a seguinte frase: “Relaxe, nós estamos aqui!”

Nesse momento, os calafrios começaram a reduzir, de repente ganhei movimento em meu corpo, levantei-me rapidamente para acender a luz pois aquilo parecia ser muito real. Eu ainda estava na dúvida se se tratava de um sonho ou não, mas no fundo eu estava implorando a Deus para que tivesse sido tudo apenas um pesadelo idiota.

Olhei para tudo quanto era canto, dei uma voltinha pela casa e constatei que eu estava completamente sozinho. Voltei meio aliviado, acreditando que não se passava de um sonho, um



pesadelo, que tivesse passado por apenas mas uma paralisia do sono, que teria sido a segunda vez que me acontecia. Então decidi pegar no celular para me distrair, relaxar os nervos. Foi quando eu não acreditei no que ví nele. Olhei para o relógio era 00:04 mim, até aí tudo bem, mas quando fui abrir a mensagem que eu havia recebido bem antes de me deitar, a hora de recepção era de 23:58 ou seja, tudo aquilo teria acontecido em apenas 6 minutos. Sem chance de eu ter sonecado e sonhado tudo aquilo em 6 minutos.

Fiquei apavorado. E corri para dormir em meu quarto, claro que com a luz muito acesa. Até hoje eu não sei o que aquela voz queria dizer com aquela frase. Mas prefiro acreditar que era talvez a voz de um anjo me protegendo do mal que me perseguia, respondendo às minhas orações.

“Ou acreditava nisso, ou não conseguiria viver em paz!”



2



Tatá Papá, Tatá Mamã



2. Tatá Papá, Tatá Mamã

Uma das lendas urbana mais conhecidas e passada de geração para geração, e que até inspirou na criação de outras lendas, usada para assustar e educar as crianças, é na verdade uma história muito real, de origem Moçambicana.

Com o passar do tempo, a história foi sendo distorcida, tendo várias versões por todo mundo, a lenda de uma criatura que roubava crianças e sumia com elas para todo o sempre.

Essa criatura, foi ganhando muitos nomes e até generos diferentes, na Alemanhã é conhecida como ‘*Der Großman*’, nos Estados Unidos apresenta-se como ‘*Lady Ambrósia*’, mas também tem sua versão mais recente e masculina o ‘*Slander Man*’, mas em Moçambique ele é mais conhecido por Tatá Papá, Tatá Mamã, os mitos do que acontecia com as crianças levadas por essa criatura, também variam de região para região, em algumas partes do mundo contam que as crianças sequestradas por tal criatura, eram mantidas em uma floresta misteriosa e mágica, onde ninguém conseguia chegar e uma vez nela, ninguém encontrava o caminho de volta, nesse lugar as crianças também permaneciam crianças sempre, sendo usadas como escravas, no caso da Lady Ambrósia.



No caso de Der Großman, a história fica ainda mais medonha, relatando que as crianças levadas por Der Großman, eram usadas para alimentar essa criatura canibal, sendo esfoladas vivas e então retirados seus órgãos vitais e a carne que serviam de alimento enquanto seus ossos, serviam como efeites da caverna onde ficava.

Já, no caso do Slanderman não existem relatos do que acontecia com as crianças que a criatura levava, o que mais apavorava as pessoas eram os relatos da aparência abominável desse ser, falando-se de um homem incrivelmente alto, com cerca de dois metros e meio de altura, muito magro e sem rosto, com pernas e braços muito compridos e sempre vestido de terno. As ilustrações existentes dessa criatura são de meter medo não só nas crianças mas também em adultos.

O Slanderman que é inglês e quer dizer “homem magro”, tornou-se mais conhecido recentemente após a indústria cinematográfica produzir um longa metragem inspirada nessa lenda urbana. Mas o que muita gente não faz idéia é que todas essas histórias, lendas, são inspiradas numa história real de muitos anos atrás, em Moçambique, na Província de Niassa.



Por volta de 1920, na província de Niassa, o terror pairava entre as aldeias, devido o desaparecimento misterioso de crianças, todas menores de 15 anos.

O Nome UKURU, em Língua local e sem tradução para português, foi dado pelos aldeões, para designar um espírito muito poderoso que vivia nas montanhas mais altas, esse espírito alimentava-se de almas jovens, não tinha uma forma definida, pois ele possuía a capacidade de se transformar em outros animais e até copiar a forma de outras pessoas, para conseguir se camuflar e sequestrar crianças sem chamar atenção dos demais, ele transformava-se no pai ou na mãe dessa criança e assim a convencia à segui-lo com muita facilidade, e essa criança jamais retornava. Relatos dos aldeões que afirmam ter visto a criatura em



sua forma real, descreviam um monstro horrível, com esqueleto humano, pele muito branca, olhos enormes e brilhantes, e postura sempre curvada.

Seus poderes sobrenaturais iam além da metamorfose, essa criatura possuía também a capacidade de hipnotizar e paralisar as pessoas, invisibilidade, e posseção, e até arrancar a alma do corpo de uma pessoa, somente com o olhar.

Mas essa criatura possuía ainda uma outra particularidade. Ela não comia as almas de crianças gêmeas pelo facto das mesmas possuírem uma ligação muito forte ou sei lá. O que nos leva ao caso do Senhor Miambe, o único caso de sobrevivência conhecido na história daquela província.

Infelizmente, O velho Miambe não se encontra mais em vida, tendo falecido aos 86 anos em 1997, descanse em paz.

Quem nos conta a história é seu filho mais velho, Humberto Miambe, história passada de pai para filho, com uma riqueza de detalhes não esquecidos ou perdidos com o passar do tempo.

Humberto conta-nos que seu pai, teria nascido com seu irmão gêmeo, e que o mesmo teria perdido a vida poucos dias depois, devido à complicações de saúde pós parto. Foi então



criado como filho único, tendo a verdade oculta pelos seus pais, até o dia que escapara de UKURU.

Foi em uma noite de lua cheia, Estavam em festa na aldeia pois celebravam o matrimónio de um jovem casal, mataram uma cabeça de boi para comerem em volta da fogueira em um ambiente de canto, dança e muita alegria ao som dos batuques.

O velho Miambe, ainda penas Miambe, nessa altura tinha 12 anos de idade, como qualquer criança, brincava, corria de um lado para outro, comia a farta comida e dançava ao som dos batuques, até que tudo viria a mudar.



No alto da noite, UKURU se fez presente na festa, para sassear sua fome de almas infantis. Das várias crianças da aldeia,



ele avistou de longe Miambe e o escolheu para ser a vítima da noite.

Escondido naquela mata densa, escura e em si assustadora, esperou então pacientemente por uma oportunidade de sequestrá-lo longe das vistas dos demais aldeões. Esperou, esperou, até que Miambe precisou fazer-se a mata para dar uma descarregada básica. Miambe entrou na mata, com sua enchada em punho, foi até um lugar distante da vista de todo mundo, fez a sua covinha, baixou as calças e iniciou o processo, nesse preciso momento, ruídos vinham da floresta, como um animal chacoalhando os arbustos, sem saber de que animal se tratava, Miambe se apressou, com receio de que fosse atacado desprevenido, com as calças arreadas, então terminou.

Tomado pela curiosidade, muito corajoso, aproximou-se da fonte dos ruídos, mas para sua surpresa, não estava lá nenhum animal, quando virou-se de volta a aldeia de deu-se de cara com aquela figura abominável, nenhuma história já contada pelos seus pais era nem de longe semelhante à aquela criatura, ela era infinitamente mais medonha.

Paralizado, ele mal conseguia se mexer ou gritar, cortesia de UKURU, mas esta criatura também parecia imóvel por um



tempo, de joelhos, com seus olhos brilhantes, era mais horripilante do que tudo que você já viu na sua vida.

Do nada, a criatura começou a mexer-se, aproximando-se de Miambe, engatinhando bem devagar meio que desajeitado, o que metia mais medo ainda, e quando ele estava a aproximadamente a dois metros do rapaz, sumiu.



Segundos depois, conta Miambe, sem que ele conseguisse se mexer ainda, apareceu sua Mãe, chamando por ele, quando o encontrou imóvel, com a enchada na mão, e o colocou em seu colo, nesse momento, Miambe ganhara de volta os movimentos de seu corpo e sua voz, quando desatou a chorar, soluçava e mal conseguia terminar uma palavra.



Sua mãe, curiosamente levou-o mais para dentro da mata, em vez de ir em direção a aldeia, e após uns 5 minutos de caminhada, já mais calmo e preocupado, Miambe perguntou a mãe para onde o levava, pois o caminho para casa era na direção oposta. Mas sua mãe não o respondia mais, ele insistiu, e insistiu, quando olhou para os olhos da mãe e eles eram brilhantes, iguais de UKURU.

Miambe assustado, fez força para se soltar do colo e conseguiu, quando a mãe de uma forma estranha começou a mudar se transformar, sua pele esbranquiçava-se, os olhos cresciam, a postura do tronco curvava-se, voltando a se transformar na mesma criatura que Miambe teria visto no início mas pouco diferente e com chifres. Então, a criatura arregalou os olhos e abriu ao máximo sua boca fazendo com que o queixo





quase tocassem no chão, ficando ainda mais horrenda, o que teria feito com que o jovem Miambe desmaiasse de tanto susto.

Miambe então despertou sendo arrastado pela mata em meio aos arbustos, segurado pela perna por aquela criatura medonha, e ele então começou a debater-se, lutando para se soltar, gritando, e chamando por seus pais, mas já estava longe demais para ser ouvido, e mesmo que estivesse perto, o som das batucadas da festa não o permitiriam ser acudido. E o espírito mais uma vez, arregalando seus olhos, paralizou o rapaz e decidiu que aquele era o lugar onde iria se alimentar, silenciando de vez a voz do pequeno Miambe.

Conta Miambe que a criatura o segurou pela cabeça, começou a emitir uns sons que ele só conseguiu descrever como agoniantes, abriu sua boca que funcionava como uma espécie de ímã ou compressor de ar, que atraía ou sugava algo vindo de dentro de Miambe para a criatura, quando o inesperado aconteceu, em meio a toda aquela escuridão, um espírito surgiu, espírito de um rapaz, jovem, com estatura semelhante de Miambe, o espírito gritava e ameaçava UKURU que visivelmente se sentia amedrontado por outro espírito e recuava seus passos a medida que ele se aproximava, até desaparecer do nada. E da mesma forma, o espírito que o espantou foi sumindo na escuridão.



Miambe correu, correu, correu como nunca havia corrido antes, de volta a sua aldeia, quando finalmente chegou aos braços de seus pais que já se encontravam preocupados e procurando por ele. Em meio ao choro incessante Miambe contou onde estivera e o que havia acontecido todo aquele tempo em que esteve sumido. Seus pais, assustados pela história macabra que seu pequeno contava, não pareceram tão surpresos quando Miambe falou do misterioso espírito que se parecia com ele e o salvou da morte. Seus pais decidiram então que era hora de contar-lhe que ele tinha um irmão gêmeo, falecido poucos dias depois do parto, e que UKURU não devorava almas de pessoas gêmeas por possuir essa ligação, e por isso ele sobreviveu.

Desse dia em diante, a vida de Miambe, nunca mais foi a mesma, bem como de sua aldeia que tinham então a certeza da existência desse espírito devorador de almas das crianças e sabiam exatamente como era sua aparência e do que ele era capaz. Passando de geração para geração, ensinando os mais pequenos a não saírem para longe sozinhas, não falar com estranhos, e tudo mais pois se uma vez forem levados pelo espírito disfarçado, nunca mais voltariam a ver seus pais, que seria um adeus definitivo, e assim a lenda do Tatá Papá, Tatá Mamã foi crescendo e se espalhando.

3



O Imbondeiro



3. O Imbondeiro

Iamos de férias, em pleno verão de 2017, final de semana prolongado, o que melhor do que uma voltinha com amigos?

Tanque cheio, colmans lotados de “beers e carnes”, duas tendas, pois eramos dois casais procurando quebrar a rotina, aventurar, explorar, sem destino certo, só com a certeza de se divertir ao máximo.

Eu e minha esposa já não íamos tão bem no relacionamento, a monotonia rotineira havia arrefecido aquela paixão de início de namoro e eu estava disposto a fazer de tudo para trazer isso de volta, dar uma apimentada, se é que você me entende!

Por isso convidei Marcos e Cátia, um casal de amigos, já agora, permitam-me apresentar-me, meu nome é Edgar, 32 anos, negro claro, minha esposa goza e me chama de mulato apesar de não o ser, ela, chama-se Linda, 27 anos, e como o nome já diz, ela é uma linda negrinha, magra com curvas esbeltas, o producto final de uma obra prima, tudo no lugar, seios redondinhos de quem ainda não amamentou, uma bundinha perfeita, enfim, não é por ser minha mas ela é perfeita, somos casados à apenas 3 anos, e desde o início de namoro, eu e ela sempre fomos muito atrevidos,



safados, satisfazíamos nossas mais absurdas fantasias sexuais, e isso era o que nos completava.

Convidar Marcos e Cátia para essa viagem, não foi aleatório, Cátia e eu, tivemos um caso antes do casamento, durante meu namoro com Linda, e ela descobriu e depois de muito esforço e de muita tranza de reconciliação consegui fazer com que ela me perdoasse pela traição, mas ela nunca esqueceu.

No processo, ela e Cátia acabaram ficando próximas, e quando Cátia se casou com Marcos um ano depois da gente, ela convidou-nos para apadrinhar o casamento. É eu sei, isso parece loucura, mas somos todos jovens e de mente aberta, para a gente isso até foi normal. O único que não sabia da história toda do passado, era o Marcos. Para ele, éramos apenas um casal amigo, pelo menos até o dia da viagem.

Marcos é um gajo poreiro, bonito, 30 anos, negro, corpo todo trabalhado no ginásio, e segundo Cátia em suas provocações irônicas, possuía um pau do tamanho do meu antebraço. Cátia por sua vez era uma mulata incrivelmente linda, podia ser modelo se quizesse. Ela é muito do tipo txiladora e viciada em sexo mas muito bem conservada e cuidada. Com seus 25 anos ela esbanja gostosura.



Nossa idéia era apenas viajar para o interior e acampar, então pegamos no carro e dirigimos até Inhambane, já conhecíamos as praias então procurávamos algo diferente, dirigimo-nos até o chefe da localidade, o Senhor Domingos afim de obtermos informações sobre lugares turísticos, ótimos para acampar, esse que após receber-nos muito bem, indicou-nos alguém que nos guiasse. O povo de Inhambane é boa gente, mas esse guia meteu-nos na maior enrascada de nossas vidas. Vivemos um autêntico filme de terror. Isso você irá entender depois.

Após um breve passeio pela localidade, eis que o guia indica-nos um lugar onde podíamos montar as nossas tendas, no meio do campo, bem próximo ao rio, por debaixo de uma árvore enorme, parecia um imbondeiro, rodeada por relva, fazia uma sombra muito fresca, e durante o dia, a brisa trazida pelo rio era muito refrescante e relaxante, um paraíso no meio do nada, montamos lá as nossas tendas.

Detestamos viajar durante a noite então saímos pela manhã, uma viagem longa de 6 horas e chegamos lá para as 12 horas. A vontade de aproveitar o local superava o cansaço da viagem, então logo começamos a preparar nosso churasco pois estávamos famintos e com muita sede daquela gelada.



O convívio estava super nice. Nos desligamos de todo o mundo, éramos apenas nós quatro e a natureza. O guia já havia nos advertido que aquela zona do rio era protegida dos animais selvagens, como crocodilos, então podíamos dar um mergulho se quiséssemos, e claro que queríamos!

Em conversa com minha esposa, antes da viagem, a gente pretendia fazer algo diferente, e não falávamos apenas da viagem, mas também no que dizia respeito à nossa vida sexual, só não sabíamos o quê até então, já havíamos experimentado diversos produtos e brinquedos sexuais, fantasias e tudo mais, porém alguma coisa estava faltar para apimentar a relação. Eu sabia que Linda não havia esquecido aquela traição com Cátia e por mais que tentasse esconder, ela tinha aquela vontade de dar o troco. Aí foi fácil pensar em algo que resolvesse de uma única vez todos nossos problemas.

Ela era uma boa mulher, fiel, mas eu reparava o jeito que ela olhava para Marcos, afinal de contas ele era de facto muito bonito. Mas eu não podia reclamar, não depois de tudo que fiz, então, porque não ser eu a providenciar o inevitável? O que todos nós queríamos!

Uma vez que éramos só nós no local, sugeri que fizéssemos um mergulho completamente nus, Marcos riu-se,



como se eu estivesse a brincar, Linda não quis saber de mais nada, como se ela só esperasse da palavra de ordem e logo tirou toda sua roupa enquanto caminhava em direção ao rio, eu á segui da mesma forma, mas antes não pude deixar de reparar o Marcos olhando meio que hipnotizado para minha mulher, comendo ela pelos olhos, quase babando, sem nem conseguir disfarçar para a mulher que sentava do seu lado.

A esposa que era bem mais descolada que ele, incentivou-o a entrar na onda, o que não foi difícil pois ele já queria ver de perto o quanto minha mulher era gostosa.

Então seguiram-nos, meio tímido Marcos só tirou seus boxers de baixo da água, Cátia era mais atrevida, veio desfilando nua. Apesar de eu já conhecer cada centímetro daquele corpo, fazia anos que não a via daquele jeito, e ela estava mudada, tinha alguns centímentos à mais em lugares estratégicos, uma mulata bem gostosa que me deixou de pau duro só de a ver caminhando para o rio, para a minha sorte, estava de baixo da água e ninguém podia notar meu pau levantado, mas para o meu azar, minha esposa veio provocar-me e encontrou-me já daquele jeito, enquanto olhava para Cátia, mas para minha surpresa ela não se chateou, achou normal. E em jeito de brincadeira ela comentou:



— Ela: Relaxa, o Marcos deve estar do mesmo jeito por minha causa!

— Eu: Não seria mau. (respondi com um sorriso safado.)

— Ela: Como assim? Não tens ciúmes?

— Eu: Um pouco, mas você sabe, eu e Cátia temos um passado, essa seria uma boa oportunidade de quitar as coisas entre nós.

— Ela: Estás a sugerir que eu e Marcos fiquemos?

— Eu: Estou a sugerir fazer algo diferente, faz tempo que não fazemos nenhuma aventura.

— Ela: E achas que eles vão aceitar?

— Eu: Deixa a Cátia comigo, cuide do Marcos, ele é homem, será fácil convencê-lo.

— Ela: Você é louco, mas se estás mesmo disposto a fazer isso! Vamos lá.

Após alguns mergulhos, aproximei-me mais da Cátia, em um momento em que Marcos encontrava-se distante, sem muito tempo para conversa fiada, logo lhe segredei que Linda estava muito afim de experimentar algo diferente entre os quatro, ela



bem atrevida topou de primeira, pois tinha saudades minhas e não sabia como fazer depois que fomos descobertos.

Nesse momento Linda nadava perto de Marcos, e como se fosse sem querer, passou bem em frente dele, rossando sua bunda no pau dele, e logo percebeu que ele estava bem duro, admirada quis confirmar e passou a mão perguntando:

— Linda: Isso é por minha causa ou por causa da tua mulher?

— Marcos: Com Cátia eu aprendi a me controlar! Me perdoe, é inevitável.

— Linda: Não precisa pedir desculpa, não há nada de errado nisso, se quiséssemos evitar isso nadávamos de fato de banho, não achas?

— Marcos: Estás a dizer que tudo isso foi intencional?

— Linda: Confesso que sempre tive curiosidade em relação a ti, a Cátia conta-me coisas entre vocês que deixam-me com a calcinha molhada, e tenho que correr atrás do meu bombeiro para apagar meu fogo, mas no fundo a mangueira que eu desejava era sempre a sua.



— Marcos: Wau, bom, eu sempre te achei muito gostosa, e já que tocaste nesse assunto, por diversas vezes eu tranzei com Cátia pensando em ti. E sempre sonhei em te pegar de jeito.

— Linda: Inventa uma história para Cátia e me encontre no acampamento.

Em poucos minutos Linda saiu da água, e com o brilho da água realçando suas curvas caminhou para as tendas. O sol já se punha, Marcos alegou estar cansado dos mergulhos e disse a Cátia que podia ficar comigo se divertindo. Ela já sabia do que se tratava então não questionou e muito menos dificultou.

Ficamos apenas eu e Cátia, aquela mulata gostosa no rio, de tanto tempo que a gente ficou separado era como se fosse a primeira vez que estivéssemos juntos naquela situação. Ném mesmo a água fria do rio fazia com que meu pau baixasse, estava duro feito pedra, e ela aproximou-se, sugeriu que fôssemos até a margem, deitarmo-nos em nossas toalhas e apanhar um pouco dos raios solares que já escasseavam, ao sairmos da água ela não parava de olhar meu pau, e eu me deliciava com aquela visão do paraíso, como se fôssemos Adão e Eva depois de morder a maçã, de tanta tesão que eu estava, meu pau já se melava todo, Cátia não perdeu tempo, sem falar nada, veio para cima de mim e caiu de boca no pau, começou a chupar-me como quem estava realmente



com muita saudade daquilo, enquanto se masturbava com sua outra mão.





Enquanto isso eu apalpava aqueis seios incrivelmente grandes, quando ela disse,

— “Acho que tens saudades disso”, se deitando por cima de mim e virando para um 69 gostoso, quando pude contemplar aquela coninha apertada e toda rosada, que já gotejava, me chamando para chupa-la, passei a língua bem devagarinho, fazendo ela se contorcer de prazer e morder gostoso meu pau.



E ficamos naquele 69 por mais alguns minutos, eu já me segurava para não me vir na boca dela de tão gostoso que ela chupava, quando ela disse:



— “chega, não aguento mais, quero senti-lo dentro de mim.” E então ela pegou no pau e enfiou na xota dela bem devagarinho, era incrível, apesar dela cantar que o Marcos era bem dotado, teve um pouco de dificuldade para enfia-lo dentro, ela era mesmo gostosa em todos sentidos. Então meteu-lhe até ao fundo gemendo bem baixinho, começou a cavalgar e a gemer cada vez mais e mais.

Eu amava a Linda, mas Cátia batia de dez a zero no quesito foda. Ela rebolava como ninguém, e aquele gemido de “puta” que só ela sabia, me deixava ainda mais louco. Decidi então mostrar-lhe o quanto eu tinha saudades daquilo, coloquei-a de quatro e sem piedade comecei a bombar-lhe a xota, pegava-lhe pelos cabelos dando uns tapas na bunda que ia ficando avermelhada. Não foi preciso muito para que ela gozasse, logo senti a xota dela contraindo-se e isso fez-me gozar dentro dela, foi sem dúvida a maior gozada da minha vida.

Quando finalmente ela parou de gemer, ela deitada por cima de mim, ambos ofegantes, e o silêncio tomou conta do lugar, começou-se a ouvir bem lá no fundo a Linda gemer, o que me admirou pois ela não era de gemer daquele jeito.

Gerou certa curiosidade em mim, e como o plano era fazer algo à quatro, disse a Cátia para que fôssemos até as tendas.



Linda já havia conversado com Marcos e ele havia topado, mas essa já não era a questão para mim. Queria saber porquê da Linda que é tão acanhada na cama, estar a gemer daquele jeito, quando entrei na tenda finalmente eu descobri, o cara para além de ter um pau gigante, do tamanho do meu antebraço como disse Cátia, ele estava comendo o cuzinho da minha Linda, naquele momento meu ciúme subiu pois ela nunca havia me dado antes, então eu entendi que ela queria mesmo dar-me o troco, mas ao mesmo tempo, ver ela levar por trás, sentindo tanto prazer e



gemendo daquela forma, deixou-me bastante excitado, meu pau levantou na hora, e não falei nada, apenas posicionei-me em frente da Linda, enquanto ela era penetrada de trás pelo pau gigante do Marcos, ela me chupava gemendo.



Cátia não quis ficar por fora da festa e ficou por baixo da Linda chupando a xota dela e as bolas da Marido ao mesmo tempo.

Já bem louca, Linda pediu-me que a penetrasse na xota enquanto o Marcos vandalizava seu cuzinho numa dupla penetração, claro que eu atendi seu desejo, enquanto eu enfiava meu pau que estava muito duro e enorme, conseguia ver a expressão no rosto dela, uma mistura de prazer e dor que deixava a xota dela super molhada. Nesse momento Cátia se masturbava do lado, ela também nunca havia dado seu cuzinho para ninguém mas sabia que dali não saia sem dar.

Linda gozou várias vezes, enquanto a gente penetrava ela, e como eu sempre quis o cuzinho daquela mulata, e com certeza não ia deixar o Marcos inaugurar os dois, antes que eu gozasse na Linda, peguei Cátia e coloquei-a de quatro, bem do lado da Linda, pincelei meu pau naquela xota melada e enfiei com tudo naquele cuzinho virgem, fazendo com que ela soltasse um gemido bem alto.

Conseguia ver o Marcos invejando mas também se deliciando com o cuzinho da Linda, quando ele decidiu que a mulher também devia sentir os dois em simultâneo então ele veio com aquela mbenga dele e enfiou-lhe na xota, aquilo estava muito



gostoso, quando os dois sentimos Cátia a ter o maior orgasmo da vida dela, corpo dela estremecia e ela não tinha mais o controle, então gozamos todos.



Nossa, eu sabia que orgia era gostoso mas aquelas duas superaram quaisquer expectativas.

Todos encabulados com o que acabava de acontecer, Cátia e Marcos foram para outra tenda, a noite já havia chegado então precisávamos descansar todos.

Não havia muito a se falar, exaustos, cada um virou para seu canto e dormiu.

Quando o terror começou.



Era por volta da meia noite, quando o som de passos de pessoas caminhando em volta da tenda me acordou, à princípio eu achei que fosse o outro casal, mas aquela hora da noite! Enfim, ignorei.

Minutos depois fomos todos acordados com gritos, gente discutindo, em língua local, o que já era estranho, mas o que chamava mais atenção era o que estavam discutindo, em meio a gritaria conseguia-se entender, uma assustadora discussão sobre partes do corpo humano, como se estivessem se repartindo corpo de alguém. Nesse momento, nenhum de nós conseguiu sair da tenda para ver o que estava de facto a acontecer. O lugar era deserto, o que tornava aquilo mais sinistro ainda. Depois de alguns minutos recebemos uma mensagem de Marcos, perguntando se estávamos bem e o que estava acontecer. Eu disse que estávamos sãos e não fazíamos idéia do que estava acontecer ali. Eu tentei espreitar pela janela da tenda e não via ninguém.

Marcos e eu ganhamos coragem e decidimos sair das tendas, demos umas voltas pelas tendas, a lua cheia iluminava perfeitamente o lugar mas mesmo assim não se avistava ninguém mas as vozes continuavam, como se estivessem do nosso lado, ao olharmos para o chão, conseguimos ver pegadas surgindo do nada, como se realmente houvessem pessoas ali, bem do nosso



lado, mas a gente não conseguia ver. Peguei na Linda e nos trancamos todos na mesma tenda.

Nesse momento já sabíamos que seja o que estivesse acontecer naquele lugar, não era normal e o medo dominava nossas emoções. Sem saber o que fazer perante a situação, liguei para o chefe da localidade, explicando a situação ele perguntou se estávamos de baixo de uma árvore grande, eu disse que sim. Assustado ele mandou-nos largar tudo e sair daquele lugar o mais rápido possível e ir para casa dele.

Simplesmente pegamos no carro, e dirigimos até a residência do Senhor Domingos. Ao chegar lá, ele acolheu-nos em sua casa onde pudemos passar o resto da noite tranquilamente.

Ao amanhecer voltamos todos para o local e no caminho o Senhor Domingos explicou-nos o que havia acontecido. Ele disse que foi inegligência do Guia, pois ele devia ter nos advertido à abandonar o local ao cair da noite, pois aquele fenômeno era muito comum.

Contou-nos que à cerca de 80 anos, o lugar funcionava como um ponto de encontro noturno dos feiticeiros daquela região, que toda noite eles se encontravam para repartir-se partes dos corpos das pessoas que eles matavam e comiam em rituais de



canibalismo, e certa noite, os aldeões se uniram e atacaram os feiticeiros em uma dessas reuniões, tendo torturado e queimado



vivos no mesmo local, 3 feiticeiros. E apartir dessa noite, todas as noites o lugar apresenta fenómenos paranormais, é muito comum ouvir gritos de socorro, choros ou discuções como havia sido o caso daquela noite. E ao fim desses fenómenos, quem estiver no local morre instantâneamente.

Apesar das diversas tentativas de expulsar os espíritos desses feiticeiros por meio de vários tipos de rituais pelos curandeiros da região, os espíritos continuam lá até hoje. E



qualquer pessoa que visite o local a noite pode presenciar uma das mais assustadoras actividades paranormais deste país.

Bom, não sei se você terá coragem de ir lá tirar a prova, mas eu não volto lá nê m amarrado. E até hoje tenho pesadelos horríveis com aquele lugar.

Mas como tudo têm seu lado positivo, Eu, Linda, Marcos e Cátia, tivemos a melhor experiência sexual de nossas vidas lá. E não paramos por aí.

4



A Casa Da Rainha



4. A Casa da Raíinha

Antigamente, nosso país era dividido em reinos, ou administrações, que eram governadas por certas famílias, existia uma certa hierarquia tradicional, nem sei se é assim que se diz, esse tipo de história nunca foi meu forte.

Essas estruturas embora com um poder reduzido, ainda existem, os líderes comunitários e tudo mais.

Meio que por acaso, eu descobri um lugar aqui no sul, o lugar é chamado da Casa da Raíinha, situado na Ilha Josina, para quem conhece. É chamado assim porque era lá onde residia a família real daquela região. Um lugar enorme, o terreno cobre quase um quarteirão e esse teria sido um dos factores que provocou uma sequência de acontecimentos estranhos no lugar. Na Ilha josina, para quem não conhece, as casas estão todas enfileiradas ao longo do rio, tendo uma pequena estrada separando elas do rio, que é usada para se deslocar naquela vila, e a casa da raíinha está entre essas casas, para ir de um ponto para outro, você obrigatoriamente têm que passar pela casa da raíinha, assim como as outras casas.

Reza a lenda, que a última raíinha do lugar, era uma feiticeira bastante poderosa. E antigamente, pelo facto do local



ser grande e obrigar as pessoas a caminharem por um bom bocado para ir e vir, a maioria das pessoas acabavam se sentindo aflitas, com necessidade de urinar, e acabavam urinando naquele percurso, o que era extremamente proibido, a raíinha detestava que o povo urinasse em frente a sua residência por razões óbvias. Mas o povo ignorava e continuava urinando. O tempo foi se passando até que a raíinha morreu. Foi então quando tudo começou.



Uma sequência e eventos paranormais eram relatados por quem passava pelo local durante a noite, alguns diziam que ouviam risos de uma mulher, que seria o espírito dessa raíinha, alguns diziam que viam a própria raíinha caminhando no sentido oposto em que vinham e que do nada sumia.



Mas o que deixava e deixa até hoje as pessoas de cabelo em pé, é o que acontece lá seja de dia ou de noite, e com todo mundo que passa por lá. Isso eu pude testemunhar, se você não acreditar também pode ir lá tirar a prova.

Isso nám chega a ser assustador mas é muito curioso, e com certeza não é natural, ninguém encontra uma explicação lógica para isso.

Quando você passa da casa da raínha, independentemente de qual direção você esteja a seguir, você sempre, mas sempre mesmo vai sentir um mijo tão forte que você não vai conseguir segurar e vai ter que urinar no local. É incrível mas é verdade, eu também achava meio absurdo quando me contaram, eu disse para mim mesmo, por mais que eu sinta xi-xi de que jeito, eu consigo segurar, vou provar que isso não é verdade, fui lá com um amigo.

Primeiro, disseram-nos que a tradição nos obrigava a passar por lá à pé, se você estiver de carro, o motorista pode passar conduzindo, mas todos passageiros devem descer do veículo e caminhar. A gente caminhou, quando estávamos no fim do murro da casa da raínha, parecia até que a gente ia se mijar nas calças, não dá para segurar. Inclusive, nas duas extremidades do murro, têm lá uns pequenos arbustos que servem exatamente para isso,



funcionam como umas casas de banho para o povo, você têm que mijar lá, não têm como, ou se mija nas calças.

Achei isso muito interessante e decidi trazer mais essa curiosidade para vocês.



5



A Igreja Demoníaca



5. A Igreja Demoníaca

Com o passar dos tempos, com o surgimento de novas igrejas protestantes, as principais ou tradicionais foram perdendo preferência, principalmente por estas oferecerem promessas de prosperidade e curas milagrosas por via de seus pastores e profetas super poderosos.

Esse fenómeno já verificava-se em praticamente todo o mundo, e não demorou muito para que essas igrejas, que muitos apelidam de “Igrejas do Dinheiro”, chegassem à África e então Moçambique. Primeiro foram as maiores, mundialmente famosas, com números impressionantes de crentes e seguidores, as mesmas foram procriando, através de seus pastores desertores outras pequenas igrejas e isso foi abrindo os olhos de muita gente que viu uma oportunidade nessa “indústria religiosa”, oportunidade de ganhar dinheiro e até se tornar milionário igual os Pastores das demais igrejas. Em curtíssimo espaço de tempo, esse fenómeno virou uma epidemia tão contagiante que em menos de uma década, o continente Africano já possuía mais igrejas do que escolas e hospitais juntos.

São igrejas para tudo quanto é preferência, pastores que prometem curar qualquer tipo de infernidade, e garantem sucesso



na vida financeira, realização amorosa e muito mais. Em troca claro de um pequeno donativo de seus ganhos, que em praticamente todos os casos não se limita apenas na décima parte ou dízimo que são 10% dos seus ganhos, que seria nesse caso estipulado pela Bíblia, ou seja, pelos que escreveram ela guiados pela palavra de Deus.

Bom, eu acho que não preciso dizer que não sou tão religioso, mas também não sou nenhum atéu, simplesmente, com o passar dos anos, por esses tipos de atitudes por parte dos tais homens de Deus, os inúmeros escandalos envolvendo os Padres da Igreja onde fui batizado, escandalos de pedofilia, guerras étnicas, assassinatos e genocídios, ou seja tudo de mais errado que um homem pode fazer, sendo feito por aqueles que deviam supostamente absorver-nos de nossos pecados, eu comecei a não confiar ou acreditar nos mesmos, e as alternativas são essas que pregam o dinheiro ou satanismo, então por mais que existam mais igrejas que escolas e hospitais juntos, as opções acabam sendo pra mim, muito poucas, eu prefiro ainda rezar no meu interior.

— *''Não é por mal Deus, mas suas casas andam muito mal frequentadas.''*

Tenho que reconhecer por dois motivos muito óbvios que a maior parte dessas igrejas e seus pastores e profetas, conseguem



realmente curar as pessoas, fazer um cego voltar a enxergar, um paralítico voltar a andar, etc. Primeiro porque não acredito que seja possível mentir tão descaradamente para tanta gente sem que essas se dêem conta da verdade, segundo porque já tive a prova enquanto fazia minhas pesquisas para este livro, que existem poderes neste mundo que nós desconhecemos, forças incrivelmente poderosas, capazes de realizar coisas impressionantes e foi exatamente por isso que eu decidi bisbilhotar um pouco mais à fundo algumas dessas igrejas, seus feitos, seus cultos, como eram estruturadas, para que Deus rezavam, e principalmente, qual era a verdadeira fonte de seus poderes para realizarem tais curas miraculosas. E como sempre, eu encontrei o que procurava, e não foi nem um pouco agradável, vos digo.

Sinceramente eu não sei porquê eu faço isso, vou atrás de coisas e depois me arrependo amargamente.

“Essa droga é como minha ex namorada, bate uma saudade tou lá, uma esporada depois, bate aquele arrependimento de merda, e juro para mim mesmo que nunca mais volto a fazer aquilo!”

E claro que eu podia ter dado exemplo de ressaca, mas não teria o mesmo impacto, enfim.



Após algumas pesquisas, uma igreja chamou minha atenção, eu não vou mencionar o nome, por razões óbvias, mas para um bom entendedor,[...]

Decidi pesquisar mais sobre essa igreja, mesmo não tendo sua sede cá em Moçambique, mas têm suas igrejas espalhadas por aqui, e um número considerável de seguidores ou crentes, não é aquela igreja que transforma nossos irmãos Moçambicanos em Brasileiros, não, esta têm sua sede na vizinha África do Sul, muita gente conhece exatamente pela fama que têm, pelos motivos pelos quais eu decidi escrever pra vocês, mas talvez eu seja o primeiro a escrever sobre isso. *‘Bem, acho que sou o primeiro a escrever sobre tudo neste livro, sou muito sem noção assim mesmo.’*

Quem reza na tal igreja, geralmente não assume publicamente, é impressionante que são muitos os crentes mas você não os vê por aí de qualquer maneira. A igreja costuma ser a última alternativa de gente muito desesperada, senhoras com idade avançada que não conseguem se relacionar, casar ou ter um filho, ou então pessoas que estão desesperadas por um emprego, condições de vida melhores e tudo mais.

Outra coisa característica dessa igreja é que boa parte de seus crentes novatos, depois de algum tempo rezando lá desistem no caminho, mas não porque não encontrou o que pretendia.



E é aí onde o problema começa, porque raio essas pessoas desistem? Mesmo tão desesperadas, o que as faz retroceder, não se iniciar de facto, não se converter por completo, não se batizar? Buscar por essas respostas não foi tão difícil, pois eu tenho familiares, conhecidos que já fizeram parte dessa ceita religiosa, e explicaram sem segredo o que os teria feito voltar para antiga religião e também um triste caso muito próximo a mim de alguém que foi longe demais e já era tarde quando tentou voltar atrás. Essa história para além de comovente, foi bastante assustadora pelo menos para mim, quando me contaram e eu passei a ter muito medo dessa igreja.

Se tratava de uma prima distante, a quem vamos chamar de Ana. Ana era uma jovem comum, linda, cheia dos entretantos, trinta e poucos anos, estava começar a se preocupar pois a idade avançava e ela continuava sem outra almofada na cama, outro pé de meia, um marido para quem é mais lerdo. Então Ana decidiu que devia procurar outras ajudas alternativas para poder arranjar um homem bom para se casar, uma vez que o Deus pelo qual ela rezava a vida inteira não a abençoava com um matrimónio, seus relacionamentos pouco duravam, sem motivos plausíveis tudo ia por água baixo, em outras palavras, só lhe comiam as lulas coitada e depois descartavam. Quando à convite de uma amiga, decidiu conhecer a tal igreja, que prometia não só lhe trazer um homem



que fosse muito apaixonado por ela, mas também resolver seus problemas financeiros, e todos os outros problemas que ela nem sabia que tinha, a igreja ia resolver tudo.

Ana foi a tal igreja, começou a frequentar assiduamente, e milagrosamente as coisas em sua vida iam melhorando, conheceu um senhorito com o qual se relacionou por um tempo e logo de imediato casou-se, o tal gajo estava bem na vida, logo finanças também já não eram um problema para Ana, teve uma filhinha linda, tudo em sua vida se organizou como ela tanto sonhava.

— *Olha, contando assim parece até um conto de fadas, mas é muito sério, isso aconteceu.*

Uma outra particularidade dessa igreja é que ela não te cobra primeiro, ela primeiro te dá tudo que você quer, resolve teus problemas para que você fique prezo a ela, em dívida, fique refém dela, parecem até agiotas, mas diferente das outras, ela também não liga muito para o dinheiro em si. Porque ela quer algo de ti que é muito mais valioso.

Após anos frequentando a igreja, Ana decidiu então que era hora de se batizar, se convertendo por completo para essa religião, porque até então ela era apenas uma visitante. E a igreja



já precisava do seu pagamento pelos serviços prestados. E é aí onde a história macabra começa.

Primeiro, para ser batizada, Ana teria que viajar para a vizinha África do Sul, pois é lá onde esse tipo de cerimónia acontecia, na sede. Ana assim o fez, sem ter a mínima idéia do que lhe esperava, chegando lá, foi hospedada devidamente junto à outros batizando, dia seguinte foi levada para o lugar do batismo, uma montanha, nela havia uma gruta, e nessa gruta, antes de entrar, Ana e os outros foram advertidos que se quisessem desistir de tudo, ainda podiam o fazer, que uma vez dentro da gruta, ninguém podia mais voltar atrás e deviam seguir à risca absolutamente todas orientações que lhe seriam dadas dentro daquele lugar, e que o não cumprimento das mesmas orientações teriam implicações extremamente graves para eles e suas famílias.

Ela, firme dos seus objectivos decidiu entrar. Após alguns minutos de caminhada gruta à dentro, chegaram a um lugar como uma espécie de sala meio oval com duas saídas, uma que era por onde eles vinham, e a outra continuava a gruta, mas eles não podiam mais passar por aquele ponto, então a pessoa que os guiava, o pastor, mandou-os circundar o lugar e se ajoelharem, todos o fizeram, então foram mandados, para que fechassem os



olhos e rezassem seguindo o pastor, e que só e somente só voltassem a abrir os olhos após o pastor dizer amém, que independentemente do que sentissem e do que ouvissem, eles jamais poderiam interromper a reza e em circunstâncias nenhuma abrir os olhos.

— *“Yah, eu não sei vocês, mas quando me dizem para não fazer algo do gênero, eu tendo a fazer, não consigo controlar, vamos fazer um teste, tenta não pensar em uma galinha branca! Viu? Impossível. Rsrsrs...”*

Então, todos seguiram as instruções, mas o que viria acontecer nos minutos seguintes, seria de arrepiar até o mais durão dos durões. Todos começaram a rezar e a rezar, o pastor cada vez mais erguia sua voz visivelmente em transe, digo, audivelmente em transe, e os batizando também o seguiam,





nesse meio tempo, começou-se a ouvir um chocalho, e os batizando sentiam algo os tocando em suas pernas, gelado, áspero, passando e os rossando, Ana e os demais conseguiram resistir e permaneceram de olhos fechados e rezando, confiantes de que nada de mal iria lhes acontecer independentemente do que fosse aquilo. E eles rezaram, e rezaram, de repente Ana sentiu algo tocando sua testa, meio húmido e gelado passando rapidamente várias vezes em sua testa, quando involuntariamente, tomada pelo medo e pela curiosidade, Ana não resistiu e abriu os olhos.

Nesse momento Ana desejou nunca ter o feito, pois ela viu bem em sua frente, a criatura mais horrenda, medonha, bizarra, abominável, não sei qual outro adjetivo pode descrever aquilo. Ana disse que se tratava de uma espécie de serpente, preta, enorme, sua cauda possuía mais de cinco metros, e o diâmetro quase um metro, como se isso não fosse assustador o bastante, a serpente possuía sete cabeças, com olhos extremamente encarnados, cada uma virada para cada batizando, lambendo suas testas, enquanto rezavam, igual uma das cabeças fazia com Ana quando ela abriu os olhos, Ana assustada, voltou a fechar os olhos rapidamente, mas a serpente interrompeu o processo e voltou para o lugar de onde saiu.



O pastor também interrompeu a reza e a primeira pergunta que fez foi, quem abriu os olhos? Todos assustados, incluindo Ana que o tinha feito, permaneceram calados, então o pastor os disse, quem sabe que não abriu os olhos, pode voltar, mas quem abriu não pode sair, deve continuar aqui. Ana estava com medo do que podia vir a lhe acontecer caso ficasse lá sozinha, pois só ela havia quebrado as regras e aberto os olhos, então ela saiu juntamente com todo mundo.

O pastor continuou no local, falando com os espíritos deles, enquanto o resto do grupo esperava no lado de fora da gruta. Cerca de meia hora depois, sai o pastor, e chama Ana para um canto isolado e diz, eu sei que foi você quem abriu os olhos, mas isso não é um problema, a gente manda para as pessoas fecharem os olhos, porque o que elas vê no batismo, jamais pode ser contado para outra pessoa, pois se você o fizer, irá morrer de imediato.

Depois disso ele explicou que o batismo naquela igreja, traria muito mais prosperidade à ela, ela seria muito rica, seu marido jamais à abandonaria, tudo iria melhorar consideravelmente, mas aquilo tinha seu preço, a cada ano um parente próximo a ela iria falecer, um filho, um irmão, pai, mãe, e o batismo seria renovado anualmente também. Se ela não o



fizesse, poderia também perder a vida. E o único jeito de fazer com que os parentes morressem, seria não renovando o batismo dando assim sua vida em troca.

— ‘*Decisão difícil essa né?!?*’

Ana já estava muito arrependida do que havia feito, embora ela tivesse ouvido boatos, igual todo mundo, de que naquela igreja você deve dar seus filhos para sacrifício humano, assim como muitos de nós, Ana não acreditava, e nunca pensou que o faria involuntariamente como o que havia acontecido. Ana então regressou para casa, refletindo sobre isso, sobre como fazer para voltar atrás e tudo mais, pois ela não queria que ninguém morresse na sua família por causa do que ela havia feito, principalmente sua filha. Mas quando ela chegou em casa, para surpresa dela, encontrou a filha morrendo, com umas febres muito altas, dificuldades de falar e andar, segundo seu marido, aquilo havia começado na noite anterior, a noite que ela fez o batismo, e tiveram que internar a filha de imediato na clínica mas nenhum médico conseguia dizer o que internizava ela.

Ana desatou a chorar, pois ela sabia o que estava acontecer com sua filha, e que ela não iria sobreviver.



Então Ana reuniu os Pais, o marido e os irmãos de imediato em sua casa, em meio a muito choro, pediu desculpas, explicou que havia feito algo mas sem intenção e então contou toda essa história que eu acabo de vos contar, com os mínimos detalhes. E naquela mesma noite ela foi se deitar e jamais acordou.

Sua filha logo melhorou, saiu do hospital, e quase cinco anos depois desse episódio, todos membros de sua família passam bem, não houve nenhuma morte, somente a dela.



6



Ku Khendla



6. Ku Khendla

Muito triste a história anterior, mas o que acaba sendo muito mais triste, é que esse não é um caso isolado, infelizmente a busca por riqueza financeira, faz com que muita gente se meta com forças que a gente não é capaz de entender e as consequências ou o preço a se pagar por isso, é muito mais alto e sem dúvidas não compensa em nada.

No caso anterior, se tratava de uma igreja, mas o meio mais usado por muitos Moçambicanos é a feitiçaria mesmo. Bom, eu chamo aquela igreja de demoníaca porque o que acontece lá com certeza não é divino. Mas o diabo, não têm somente aquela igreja como feramenta para seus feitos cá na terra, ele têm seus intermediários directos, do mesmo jeito que Deus vêm à nós através dos verdadeiros profetas, o diabo também têm seus homens na terra, que a maioria chama de feiticeiros ou bruxos.

Muita atenção para aquele erro comum que as pessoas até hoje fazem, confundir curandeiros com feiticeiros.

Curandeiros ou médicos tradicionais, como o nome já sugere, são aquelas pessoas que possuem um certo conhecimento medicinal, que através deste curam algumas infernidades nas pessoas com base em medicamentos naturais, ervas, raízes, entre



outros. Geralmente esse conhecimento é passado de pai para filho. Enquanto que um feiticeiro, embora também possa ter conhecimentos medicinais na base de ervas, sua particularidade é não depender somente desses conhecimentos para tal, eles possuem a habilidade de efectuar curas, fazer bem assim como mal as pessoas com base em poderes espirituais. Aqueis que falam com espíritos, conseguem ver seu passado, seu futuro, essas coisas macabras que os profetas fazem, mas a fonte do poder dos profetas é divino enquanto que dos feiticeiros não.

Eu costumo brincar que todos nós somos curandeiros, porque em algum momento de nossas vidas a gente se auto-medica ou medicamos outra pessoa tradicionalmente, por exemplo, quando a gente está com gripe e faz aquele famoso bafo com base em folhas de eucalipto, ou quando a gente está com dor de dente e usa raiz de coqueiro, e muitas outras práticas que principalmente nós que nascemos antes de 2000, nas décadas de 90, 80, vivíamos diariamente. Para nós, ir ao hospital era quando o caso já era muito grave, mas pequenas coisas do dia-à-dia a gente sempre usou do curandeirismo para se curar.

Então, curandeiro e feiticeiro, nada a ver uma coisa com a outra. Eu me refiro aos feiticeiros, esses que existem em uma quantidade considerável por aqui, mas também não estou a falar



dos feiticeiros do nosso dia-à-dia, aqueles invejosos, que seu melhor hobbie é cuidar da vida alheia, falar pelas costas, jogar pragas e tal, embora esses também tenham poder, mas me refiro à aqueis que falam directamente com o próprio diabo, se tratam por camaradas até, chegam lá no inferno, logo dizem:

— ‘*ohh Tio Lú, têm uma beer na geleira? Estou com sede!*’

Yah, esses aí, existem aquí, fazem muito mal para muita gente, como eu disse, eles são intermediários directos do próprio Lú (Lúcifer), são eles que fazem todo trabalho de agiotagem para ele, quando as pessoas querem vender suas almas, eles redigem o contrato, ou seja, são meio advogados também, tratam toda parte legal do processo, e o Lú só recebe as almas lá no inferno, não precisa se dar ao trabalho.

Falando assim fica uma coisa engraçada, mas sinceramente, o caso é muito sério, muito grave, muitos jovens ingénuos acabam por seguir por esses meios para ganhar o dito dinheiro fácil, para seu negócio prosperar, para ter mais ‘*sorte*’, para conseguir um bom emprego, conseguir promoções, chegam à cargos de chefia, cargos muito altos, em pouquíssimo tempo, ganham rios de dinheiro, muita gente até olha e diz:



“Não, aquele só pode estar metido com tráfico de alguma coisa!”

Enquanto não. Bom, tecnicamente sim, porque a pessoa trafica a única coisa que ele teve de graça, mas que é muito valiosa para o tio Lú, que é sua alma.

Existem várias formas de fazer isso, vários lugares, vários feiticeiros especializados. Com certeza você já ouviu alguma história de como seria esse processo, ou conheceu alguém que as pessoas desconfiem que tenha vendido sua alma ao diabo, ou seja, em língua local, que tenha “Khendlado”, com certeza você já ouviu esse termo.

Eu, por exemplo, já ouvi que há homens que khendlam e em troca perdem a capacidade de gerar vida, ou seja, não procriam, não dão filhos. Há quem khendla para ter dinheiro mas em compensação não pode se casar, não pode ter mulher, as vezes não pode nem ter relações sexuais, o junior não levanta mais!

—“Mas cá entre nós, sinceramente, porque raio alguém prefere não levantar nunca mais na vida, para ter dinheiro!? Do que adianta ter milhões no bolso, se você é incapaz de satisfazer uma mulher? Eu prefiro ser pobre e continuar fazendo elas felizes, por mais que seja por alguns minutos. Rsrsrcs...”



Mas enfim, cada um com suas ambições, suas prioridades. Uma coisa que é certa em todos esses casos, é que por mais que você pague com a ereção ou com a fertilidade, seja lá o que for, no final, você vai pagar com sua própria vida, indo directo para casa do tio Lú, isso é certo, ninguém em hipótese alguma vai para o céu depois de vender sua alma ao diabo, não há perdão divina para isso, não há redenção, não há nada, se você pensou que poderia fazer um pacto com o diabo, viver bem durante uns anos, e no final ir implorar por perdão para que Deus lhe leve para junto dele, esquece! Por um simples motivo apartir do momento que você vende sua alma, ela não te pertence mais, Deus até pode querer te perdoar, pode até ver que você realmente tomou consciência do que fez e se arrependeu, mas ele não terá uma alma para perdoar, porque ela já está no inferno, o que está dentro de ti, não é mais sua alma.

Têm também boatos de gente que como minha falecida prima, vende não só a sua alma, mas também a alma dos parentes, que a medida que ele vai enriquecendo, seus familiares vão acabando, um por um, até que chega a sua vez, isso é infelizmente o mais comum.

E é sobre isso que eu procurei entender melhor, afinal porquê isso acontece? Como é feito esse procedimento? Porquê



outra pessoa têm que morrer para tal? E com ajuda da AMETRAMO (Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique), encontrei as respostas.

Eu procurei a associação nas minhas famosas pesquisas, e encontrei um médico tradicional que me ajudou muito com essas respostas, para proteger sua identidade, já sabem, não vou revelar o nome dele ou dela!

Em entrevista à minha fonte misteriosa, ela segredou-me que é muito, mas muito comum mesmo, receber pacientes, com esse problema, gente que se meteu com feiticaria para prosperar e depois ao ver seus parentes morrendo um por um, procuram a AMETRAMO para desfazer o feitiço ou o pacto.

Eles até ajudam, mas isso acaba tendo efeitos colaterais, primeiro, dependendo do que a pessoa tiver feito, ela corre o risco de morrer desfazendo, segundo, pode perder a sanidade, ficar louco, para além de perder tudo que conseguiu, e ficar ainda pior do que estava antes. O azar passaria a assombra-lo dia e noite, em tudo que a pessoa faria. Falando em ser assombrado, a pessoa seria constantemente visitado pelos espíritos das pessoas que morreram por sua causa, elas iriam lhe assombrar por onde fosse, inclusive esse seria um dos motivos da insanidade, pois a pessoa passa a apresentar sintomas de esquizofrenia, vendo vultos, tendo



visões que outras pessoas não conseguem ver, falar com pessoas que não estão ali, um leque vasto de consequências.

Mas ok, minha maior curiosidade, e acredito que seja a maior curiosidade da maior parte das pessoas, é, o que realmente acontece? Como é o processo de khendlar? E como é que as pessoas ganham dinheiro com isso, afinal de contas o dinheiro não aparece magicamente na carteira, ou será que aparece?

Então minha fonte me contou, pegando um exemplo de um paciente seu, que era comerciante, possuía uma loja de roupas na cidade de Maputo mas sua loja não ia tão bem, ele estava afundado em dívidas, com uma família grande por sustentar, a vida dele estava desgraçada, e para melhorar as coisas, ele optou por procurar um feiticeiro de Mambone, a famosa Mambone.

Chegado à Mambone, foi indicado como fazer para chegar à residência desse famoso feiticeiro, então ele seguiu todas indicações, e conseguiu chegar a propriedade. Vocês sabem como são as propriedades lá do interior do país, terrenos grandes, as vezes hectares fazem parte da mesma propriedade, então chegado lá, quase no fim do dia, a primeira coisa que lhe assustou foi ser recebido por duas serpentes, daquelas Mambas, pretas, essas serpentes falavam.



—‘‘Áí você vai dizer, hmm... Cobras que falam! Mas não esquece que estamos a falar de feitiçaria.’’

Mas essas cobras falavam segundo a pessoa que foi khendlar, e contou para seu curandeiro e esse contou para mim, sobre a promessa que eu não revelaria as identidades dele e da pessoa que passou por tudo isso, até porque é uma pessoa bastante conhecida. Então, as cobras mandaram ele as seguir, e indicaram-lhe um lugar da propriedade que era grande, cheia de palhotas espalhadas por todo lado, então lhe levaram para uma espécie de quarto, onde ele podia se trocar, mostraram casa de banho, para fazer suas necessidades e tomar um banho e então descansar. Que quando desse meia noite, seria chamado para que fosse encontrar o feiti eiro. E assim aconteceu, ele descansou, ou pelo menos tentou, porque segundo ele, não conseguiu pregar o olho naquele lugar sabendo que a qualquer momento seria visitado em seu quarto por cobras falantes.

E então ele foi chamado, para a palhota principal, situada no meio da propriedade, as cobras mandaram ele descal ar os sapatos, entrar na palhota e se sentar. Ele retirou seus sapatos, entrou na palhota que era muito escura, sem nenhuma luz, nenhuma vela acesa, e se sentou bem próximo a porta, quando o feiti eiro começou a falar.



É importante saber que o Senhor, em momento algum entrou em contacto com o feiticeiro antes de viajar, e nem despediu ninguém dizendo para onde ia, obviamente, mas mesmo assim ele já era esperado, o feiticeiro já sabia que ele ia para lá, já sabia o que ele queria, e havia se preparado para atendê-lo, tanto que as cobras do feiticeiro o receberam e tudo mais.

Quando o feiticeiro começou a falar, o cumprimentou, tudo em língua local, cumprimentou-lhe pelo nome, disse à que família ele pertencia, que suas origens eram daquela região, falou um pouco de seus antepassados, seus nomes e tudo mais, em um pequeno show de super poderes, pois não havia como uma pessoa normal saber de todas essas informações de alguém que nunca havia visto antes na vida.

Terminado os cumprimentos, o feiticeiro falou porque ele veio até lá, o que queria e porque queria e perguntou, se tinha certeza do que queria, ele disse que sim, então, o feiticeiro disse que iria acender uma vela, e ele não podia se assustar com o que iria ver, acendeu então a vela, e advinhem a considência, se é que posso chamar assim! Ele viu que o feiticeiro tinha cabeça e tronco de pessoa mas cauda de cobra que se estendia por toda palhota, é claro que ele se assustou, mas já estava familiarizado com as cobras que lhe receberam e também estava



psicologicamente preparado e a espera de tudo, em prol de uma vida melhor.

O Feiticeiro havia preparado uma mistura de ervas que colocou em um cafulo de coco com um pouco de sangue de algum animal que ele não sabia qual era, e madou ele tomar. O homem tomou.

Mandou-lhe fechar os olhos. Ele fechou.

Então disse que ele iria passar por um teste de coragem, para ver se ele é mesmo capaz de aguentar o que estava a procura. Que ele iria sair da palhota, e entrar na mata, e nessa mata, ele iria encontrar sua família sentada, em volta de uma fogueira, ele deveria escolher alguém entre sua família e com a catana que tinha ao seu lado, iria decapitar essa pessoa e trazer a cabeça. Que nada daquilo era real mas essa pessoa que ele escolhesse, iria perder a vida onde estivesse, e feito aquilo, ele iria conseguir tudo que ele quisesse.

Mas se por acaso ele desistisse no meio, ele nunca mais voltaria a ver sua família, ficaria lá preso para sempre, seria transformado em uma cobra e iria trabalhar para o feiticeiro até o último dia de sua vida!



“Acho que vocês acabam de entender de onde vinham as cobras que lhe atenderam no início!?”

Ele estava mesmo decidido, ou ficava rico ou morria ali como uma cobra empregada doméstica. Acho que não é uma decisão muito difícil de tomar nem, ele precisava apenas de coragem para aquele acto macabro, muita coragem.

Mas ele foi, pegou na catana, e foi, não precisou andar muito por aquela mata escura e densa e logo viu uma fogueira mais para o fundo, se aproximou, e viu que estavam lá todos seus filhos sentados, se aquecendo na fogueira. Só seus quatro filhos estavam lá, o mais velho de 24 anos, outra de 19 anos, e mais duas meninas, uma de 13 anos, e outra a caçula de 4 anos.





Ele decidiu meter na cabeça que aquilo não era real, e então, não sei por qual critério de seleção, ele escolheu seu filho mais velho. Talvez por ser homem, não sei.

E então começou a cortar a cabeça dele, se sujando todo de sangue, o filho se debatia, uma cena muito triste e ao mesmo tempo macabra. E quando terminou ele voltou para a palhota, chorando por seu filho, pois ele sabia que onde ele estivesse aquela altura já não se encontrava entre os vivos, chegou a palhota e entrou.

O feiticeiro mandou-lhe parar de chorar, pois não havia terminado, e se ele não tivesse coragem, não valia a pena continuar, ele então se recompôs, ao deixar a cabeça do filho no chão, a cabeça se transformou em cabeça de cabrito. O feiticeiro começou a explicar para o homem o que devia fazer dali em diante, disse que ele iria regressar para casa pela manhã, iria encontrar um cenário fúnebre, pois seu filho havia perdido a vida já mas ele estava extremamente proibido de chorar a sua morte, não podia de jeito nenhum chorar e nem menos ficar de luto, entregou-lhe também um pequeno frasco de vidro, com um pouco de sangue retirado da cabeça daquele cabrito, e foi orientado a depois do enterro de seu filho, ele devia voltar à sua campá e



retirar um pouco de areia do local e colocar no frasco. Esse frasco ele devia guardar sempre na sua loja, em algum lugar onde ninguém encontraria. E assim ele o fez, cumpriu com todas orientações. Um dia depois do enterro, ele foi abrir sua loja e escondeu o frasco em um lugar que só ele tinha acesso.

Vendeu normalmente esse dia, os parentes acharam estranhas suas atitudes, mas acharam que ele estava tentar superar a perda, por isso não o questionaram.

No dia seguinte, ele foi abrir a loja como de costume, e para surpresa dele, estava o filho parado em frente a loja, o espírito dele, mas somente ele conseguia ver, assutou-se de início, mas abriu a loja. Arrumou as coisas como sempre fazia e abriu as portas para os clientes, quando ele começou a ver o espírito do filho circulando pela loja, como se fosse um trabalhador normal, de quando em vez, o espírito saía e voltava com clientes, e esses cliente sempre compravam alguma coisa, sua loja começou a ficar muito movimentada, e esse movimento a cada dia que passasse ia aumentando e aumentando, tudo graças ao empregado espiritual que ele tinha na loja.

Os meses foram se passando e quando fez exatamente um ano, outra filha do homem morreu misteriosamente durante a noite. E ele fez mesmo processo, e teve o espírito dessa filha



também a trabalhar para ele, abriu outras lojas maiores, o segredo estava nos frascos, para onde ele levasse os frascos contendo a arreia do túmulo de seus filhos, era lá onde eles trabalhavam. O homem enriqueceu muito rapidamente. Porém quando estava prestes a completar o segundo ano, o peso da consciência, culpa, e tudo mais, pesava em seus ombros e foi quando ele recorreu ao médico tradicional para desfazer o que havia feito.

Sua mulher, descobriu e o largou, suas outras duas filhas continuam vivas, mas vivendo com a mãe e sem o mínimo contacto com o pai, suas lojas faliram e fecharam, afundou-se novamente em dívidas, perdeu os carros, as casas, tudo que tinha conquistado com o dinheiro de sangue dos filhos.

Esse não é um livro para tirar moral nas histórias, mas nesse caso eu acho que é inevitável. Podemos concluir que primeiro, realmente não existe dinheiro fácil, pois não foi nem tão pouco fácil para ele fazer o que fez e perder seus dois filhos no processo. E khendlar não compensa em nada, não vale a pena mexer com isso.

Ahh, e quase me esquecia, os únicos filhos que continuam até hoje com ele dia e noite, são os falecidos, os espíritos deles o assombram até hoje.

7



Espírito de Patrão



7. Espírito de Patrão

Por volta de 1975, altura da independência nacional, o país verificou um abandono de diversas residências, pois os portugueses foram forçados a abandona-las e regressar às suas origens e muitos Moçambicanos apoderaram-se das mesmas sem muito esforço. Pelo menos é isso que todo mundo sabe ou pensa. O que muitos não sabem é que durante o processo de expulsão dos portugueses, muitos foram mortos, certas famílias exterminadas, mulheres estupradas, alguns torturados até a morte.

A história que lhes trago agora, é de Antúnes Carlos de Sousa, português, nascido em 1921, morreu aos 54 anos na antiga cidade de Lourenço Marques em 1975.

Um burguês, da alta sociedade, morrava em um casarão, sem família, esposa nem filhos. Mas com vários empregados Moçambicanos, que trabalhavam para ele em troca de comida e tecto, uma forma de escravatura da época colonial.

Antúnes possuía a fama repugnante de maltratos aos seus empregados, abusava sexualmente de suas mulheres e filhas.



—“Foi num dia normal, se eu soubesse o que iria acontecer aquele dia, não teria acordado, ele desgraçou a minha vida” relata-nos Alíce, filha caçula de Rafael empregado do Antúnes.

Alíce, com apenas 18 anos de idade, morava em Xai-Xai na província de Gaza, com seus avos, filha caçula, a Teresa da família, finalmente recebera convite de seu pai para morrar junto a ele na grande cidade, pois já possuía idade para ajuda-lo nos serviços domésticos na enorme residência onde já trabalhava e residia junto à sua mulher Marta e sua filha mais velha Teresa.

Rafael sonhava poder alfabetizar suas filhas, retirando-as do interior trazendo-as a cidade, mas como todos sonhos, eram apenas ilusões criadas por sua mente sofrida e cansada, pois ele mal imaginava o perigo que colocara as suas duas belas filhas.

Teresa já sofrera calada os constantes abusos sexuais perpetuados por Antúnes, com receio que ele cumprisse as ameaças de executar seus pais e vende-la para prostíbulos, ela nada falava para seus pais sobre as visitas noturnas do patrão em seus aposentos.



Para Teresa era uma dor aceitável perante as condições na altura para seu povo. Imaginando que por pior que as coisas estivessem, sem o tecto do Sr. Antúnes, poderia sempre piorar.

Mas é como diz o ditado, antes de melhorar, tudo tende a piorar. Teresa entendeu o significado dessa frase na pele e no coração quando em uma manhã normal de trabalho, viu sua irmã caçula entrar pelos portões trazida por seu pai. Com uma mistura de felicidade e angústia correu para abraça-la pois já não a via á mais de 5 anos. Com lágrimas nos olhos e um sorriso resultante de incompreensíveis misturas de emoções, abraçou-à, pulando de alegria expressou o tamanho da saudade que tinha de Alíce.

— Maninha, como estás crescida, seja bem vinda. – disse Teresa.

— Sim irmã, senti muitas saudades de todos vocês! – respondeu Alíce com seu português meio sem prática.

Após breves momentos de cumprimentos invólucro a abraços de ternura e carinho, eis que seu pai diz:

— Teresa minha filha, leve sua irmã para a dependência, organiza-lhe um lugar para dormir e guardar suas roupas no teu quarto, e depois leve-a para fazer um banho e comer alguma coisa, ela deve estar exausta e faminta.



Sem demoras ambas foram apressadas, carregando suas trouxas ansiosas para conversar e contar as novidades que ambas deviam ter em excesso.

Apois horas de muita conversa e a habitual fofoca entre as duas, por volta das 17 horas seu pai chama-as, e com um tom mais sério ele diz:

— Alíce, prepare-se, vou leva-la à casa grande para que nosso patrão possa conhecer-te, quando lá chegarmos, tenha respeito, permaneça de cabeça baixa, ele é um homem rude e muito rigoroso. Se queres ficar aqui conosco, vais ter que lhe respeitar e obedecer sempre sem questionar.

E então foram eles.

“Noc noc noc...” (Batidas na porta)

— Entrem. – Disse Sr. Antúnes, em voz alta e firme de patrão.

Então entra o senhor Rafael na dianteira, e ainda próximo a porta diz:

— Patrão, venho apresentar-lhe minha filha mais nova, que como já havíamos conversado, vêm cá para ajudar-nos com



os trabalhos domésticos. pois eu, minha mulher e Teresa não estamos a dar mais conta.

— Mande entrar logo, estou ocupado preciso trabalhar. — disse Sr. Antúnes olhando para seus papeis em sua secretária que se encontrava em um canto da sala, bem de frente a porta principal.

Foi então que Sr. Rafael chamou a filha.

Quando esta por sua vez, se fez presente, entrando pela porta, em meio aos raios de sol alaranjados do pôr do sol que lhe acompanhavam porta à dentro, Sr. Antúnes apenas conseguia enxergar a esbelta silhueta da jovem donzela, com curvas naturalmente bem acentuadas, o que rapidamente despertou o interesse de Antúnes que apenas esperava uma criança suja do campo mas se surpreendera com as curvas tão pouco infantis que via entrando em sua residência.

— “É, talvez eu tenha me esquecido de contar o quão boa essa criança era, mas é por ser criança, não achei importante, rrsrrsrs...”

Mas pelos vistos o Sr. Antúnes não pretendia deixar passar esse pequeno detalhe, pois ele meio que tentando sem sucesso esconder o breve momento de espanto e admiração pelo corpo da



moça rapidamente levantou-se de sua secretária e deu dois passos para o lado, procurando melhor ângulo para observar a jovem sem que a luz lhe atrapalhasse essa visão divina, foi então que após ela se aproximar mais um pouco ele conseguiu ver que a jovem trajava um belo vestido novo que ele mesmo oferecera a irmã mais velha de Alice, um vestido embora modesto, comprido até o calcanhar e bastante respeitoso, mas na miúda deixava transparecer suas enormes ancas em forma de pêra, acusando uma curva na parte de atrás. Mesmo sem um decote e com mangas cobrindo os ombros, o enorme volume de seus seios puxando o vestido de trás para frente, foi a segunda coisa que lhe chamara atenção, e o Antúnes ainda tentava entender porque não conseguia ver a demarcação da cintura da miúda!

“É possível alguém ser assim tão gostosa, vindo do interior, eu pensei que já tinha visto todo tipo de mulher aqui na cidade, mas isto...” – pensou Antúnes enquanto apreciava a jovem meio discretamente.

— Então, como te chamas? – Perguntou Antúnes.

— Alice. – respondeu ela meio tímida e de cabeça baixa, enquanto se ajoelhava perante seu soberano.



Rapidamente ele aproximou-se, segurando-a pelo braço erguendo-a para que continuasse em pé, segurou o queixo e ergueu sua cabeça.

— Não precisas dessas formalidades todas e nem ter medo de mim, é seu primeiro dia aqui eu quero que te sintas muito bem vinda. Deixa-me olhar para ti. — Disse Antúnes, contemplando seu lindo rosto, bem mais jovem e bonita que sua irmã, meio escurinha, cor de cacau, com os lábios marcados de laranja resultante da escovação com tradicional mulala, pouco carnudos e perfeitos, olhos castanho escuros, com uma sensualidade de mulher do campo e muita inocência á mistura. Muito maravilhado com o que tinha recebido mas ainda assim tentando ser discreto para o pai da miúda que se encontrava na sala ainda, ele disse:

— Está certo, eu não tenho muito tempo agora, acredito que irei lhe conhecer melhor ao decorrer do tempo, deixem-me voltar ao trabalho. Podem sair agora.

Sr. Rafael sem entender o que acontecera naquele breve momento, pois desconhecia o hitórico de abusos do Antúnes à Teresa, rapidamente se retirou da sala juntamente com sua filha. E foi nesse último momento enquanto a miúda caminhava lentamente porta á fora, que o Antúnes pôde constatar que sim, a miúda tinha um grande e belo rabo. Olhando um pouco mais para



cima, em meio a abertura nas costas do vestido ele admirou-se ao perceber que aqueles seios enormer empinados, não eram sustentados por nenhum sutiã, o que fez Antúnes ter que arranjar o seu amiguinho em baixo, pois ele já estava encomodar de tão duro que estava.

Após regressar aos seus aposentos, Alíce contara para sua irmã que o Sr. Antúnes fora bem simpático para com ela e que já estava gostando de lá estar. Pobre criança, mal sabia o que lhe aguardava, mas sua irmã conhecendo o patrão de corpo e alma nús liteiramente, só lamentava por dentro pois sabia que cedo ou tarde o pior iria afecta-la, e sem saber o que fazer para evitar preferio continuar guardando segredo.

Foi então que após alguns dias de convivência com a irmã, na sua rotina normal de trabalhos, instruindo Alíce como fazer seu trabalho e tudo mais, Teresa notou uma certa paragem nas visitas constantes aos seus aposentos.

“Deve ser porque minha irmã dorme comigo agora, graças a Deus!” – pensou muito erradamente Teresa.

Pois o que ela não imaginava era que o Antúnes perdera interesse nela e vivia espiando a sua nova empregada, pensando em formas de possuí-la também. E não demorou muito para que



numa noite de sexta-feira, depois de algumas cervejas em alguma taberna próxima, Antúnes regressou à casa, visivelmente embriagado e obviamente com um pouco mais de coragem dirigiu-se directamente ao quarto das irmãs que se situava estrategicamente um pouco distante dos aposentos dos Pais, permitindo que ele entrasse e saísse sempre que quisesse sem ser notado.

Meio que tropeçando em seus próprios pés, Antúnes aproximou-se da porta do quarto, quando logo foi notada sua presença na soleira da porta por Teresa que ainda se encontrava acordada, diferente de sua irmã que se encontrava no quinto sono.

Logo de imediato, receiando que Antúnes entrasse e fizesse o imaginado com sua irmã, ela saiu, trajando somente a habitual capulana bem curta enrolada entre os braços cubrindo-a dos seios até a metade da bunda, muito angustiada e na tentativa de proteger a irmãzinha perguntou à Antúnes:

— É de mim que precisas? Estou aqui, pronta, acabo de fazer meu banho e não trago nenhuma roupa íntima, abrindo sua capulana esticando os braços na tentativa de desviar a atenção dele para ela e focar sua visão nela e não no quarto, este que esticando o pescoço conseguiu contemplar a Alíce completamente nua deitada na esteira próxima à janela do quarto,



iluminada pelo luar que atravessava a janela dando uma visão ainda mais excitante da incrível silhueta dela, meio a luz e a escuridão.

Ele logo respondeu: — Quero falar com sua irmã, deixe-me entrar.

— Espera, eu faço o que você quiser, mas minha irmã não, por favor, ela é nova e nunca conheceu um homem em toda sua vida. Ela é virgem, por favor, não! – disse Teresa desesperada.

Muito surpreso, ainda assim bem mais excitado por saber que ele seria o primeiro a fazer daquela pequena donzela, uma mulher. O álcool que consumira também o ajudara a afastar qualquer remorso ou sentimento de culpa, a única cabeça que pensava naquele momento era a de baixo.

Teresa tentou apelar para a sedução, tinha que haver um jeito de fazer com que Antúnes voltasse a desejar-la e esquecesse a Alíce, mas por incrível que pareça, esse acto super protectivo de Teresa não era só puramente proteção, bem lá no fundo existia um certo ciúme, pois com o passar do tempo, com tantos abusos de Antúnes, seus presentes, a ajuda que ele dava à ela com a escola e a vida um pouco facilitada para a família, ela acabou desenvolvendo um certo sentimento afectivo por ele, até porque



ela não conseguia se relacionar com mais ninguém, aquela história de abuso sexual se transformara em um romance no mínimo exótico.

— Olha Sr. Antúnes, eu não sei como lhe dizer isso, mas esse tempo que o senhor ficou sem vir para meu quarto, eu senti saudades, saudades do que o senhor fazia comigo, da forma como me pegava e me possuía no chão gelado, Só de pensar nisso já fico toda molhada, eu não lhe dizia mas eu gostava. — disse Teresa enquanto passava sua mão nas calças dele, querendo deixa-lo excitado, mas ele já estava de pau duro.

Então ela começou a abrir-lhe o zipper da calça, nessa altura sua capulana já estava no chão e ela estava completamente nua na soleira da porta.

— Porque não entramos, sem fazer barrulho para não acorda-la, ela têm um sono pesado, podemos fazer aqui mesmo ela não vai acordar. — Sugeriu Teresa.

Antúnes estava muito surpreso com tudo aquilo, mas estava a gostar, — “Alice pode esperar” — ele pensou, então entraram e fecharam a porta.

Teresa parecia mudada, estava mais atrevida, pegou no homem, o jogou na cama dela e puxou suas calças até o tornozelo



e então fez o que ela nunca havia o feito antes, chupou-lhe aquele grande pau, enquanto o chupava, Antúnes não conseguia tirar os olhos de Alíce, afinal de contas ela estava completamente nua, à menos de dois metros dele, deitada de bruços, aquela linda bunda redonda e grande era hipnotizante, inevitavelmente ele começou a imaginar-se enfiando seu instrumento nela, e como Teresa o chupava tão gostoso na primeira vez dela, ele logo gozou na boca dela e a pséudo santinha do interior chupou-lhe todo ingulindo seu esperma, *“mas que grande safada”*.

Mas aquilo obviamente não foi suficiente para derruba-lo, ele queria mais, seu pau ainda estalava de tanta tesão e de tão molhada que Teresa estava já escorria pelas pernas, então ela logo posicionou-se de quatro na cama, Antúnes não pôde esperar, logo enfiou-lhe pau à dentro, começou a socar-lhe cada vez com mais força, era primeira vez que o fazia com total contentimento dela e estava bem mais gostoso, o desejo dela de o satisfazer e ser possuída de verdade à transformou em uma grande vadia naquele momento, ele à virou, queria poder observar o rosto dela enquanto à penetrava, deitou-a de costas à berma da cama e voltou a lhe enfiar o pau enquanto apertava-lhe os seios com delicadesa, ela sentia muito prazer, e sem que se apercebesse começou a gemer, cada vez mais alto, ela não tinha mais o controle de si mesma, mordida os lábios tentando não gemer mas Antúnes estava à todo



gás bombando-a como devia ser. A cama fazia barrulho e com o gemido dela acabou acordando Alíce.

Mas ela permaneceu imóvel deitava, fingindo estar a dormir só para observar a irmã sendo comida de todas as formas, aquele filme pornô à começou a excitar, ela não conhecia aquela sensação mas estava a gostar, seus mamilos endureceram e ela começou a sentir sua vagina molhada então ela meteu sua mão até a vagina dela e começou a passar os dedos discretamente para que não notassem que ela havia acordado, ficou se masturbando de bruços enquanto assistia a irmã, conseguia ver que a ela estava gostar muito daquilo e o desejo de experimentar aumentava a cada gemido dela.

Teresa não aguentou muito mais e teve seu primeiro orgasmo na vida, por mais que ela tivesse se acostumado com as visitas do patrão, nunca havia sido tão gostoso como daquela vez. E Antúnes, vendo Teresa gozar acabou gozando junto, e os dois deitaram-se na cama, exaustos.

Alíce que havia assistido tudo, continuou fingindo que dormia, mas continuava demasiado excitada, esperou alguns minutos até que os dois pegassem no sono, Teresa e Antúnes estavam deitados nus na cama, ele estava de costas, sem nenhum cobertor e vendo aquela situação, Alíce tirou vantagem,



Aproximou-se da cama, ajoelhou-se do lado de Antúnes, pôde ver aquele pau enorme, com a cabeça toda vermelha mais grosso que seu próprio punho e ela não resistiu, segurou-o bem devagarinho, e começou a passar sua língua na cabeça até que ganhou coragem e enfiou todo em sua boca que mal cabia metade dele, enquanto isso ela se masturbava com a outra mão. Aquilo logo acordou Antúnes que vendo aquela situação preferiu não acordar Teresa e levantou-se da cama bem devagarinho, sinalizou para que Alíce voltasse para a esteira, e ele foi junto.

Deitou-a e ele foi um pouco mais para baixo, ao encontro daquela xota virgem, abriu-lhe as pernas e começou a chupa-la, passava a língua pelo pequeno clíptores da miúda que a cada lambida endurecia e crescia, quando passasse a língua no canal vaginal conseguia sentir que o lugar estava bem selado e só pensava em como ele iria lhe dar com aquilo sendo que seu pau era grande demais. Mas ele não parava, chupava-lhe o mais gostoso que ele conseguia, passando sua língua pelo anus, a miúda que era a primeira vez a ser feita aquilo estava completamente louca de tesão, Antúnes começou a meter um dedo na vagina enquanto à chupava, teve muita dificuldade mas acabou conseguindo, ela sentia muita dor mas não pedia que ele parasse pois o prazer falava mais alto, então ele meteu dois dedos, isso fez com que ela começasse a gemer um pouco alto de dor,



mas estava a gostar, Teresa ouviu e levantou-se da cama, vendo aquilo ela assustou-se, tentou fazer com que ele parasse mas Alíce pediu que o deixasse continuar. Falou que ela queria aquilo, que viu eles fazerem e aquilo à deixou muito excitada, Teresa não teve como dizer que não, mas também não queria ficar só assistindo então foi até o pau dele e começou a chupa-lo novamente enquanto ele chupava Alíce. Ela não aguentava mais e queria sentir aquele enorme pau lhe desvirginar de verdade, puxou Antúnes para que viesse para cima dela, a irmã fez questão de lubrificar aquele pau enquanto acabava de chupa-lo e ela mesma o direcionou para a xota da irmã, pedindo para que Antúnes fosse carinhoso e a penetrasse devagar.

O Pau não entrava, então ela lubrificou melhor os dois com sua própria saliva e voltou a coloca-lo na xotinha da irmã esse que devagar e com dificuldades começou a escorregar para dentro.

A irmã gemia de dor, mas mesmo assim ela o segurava pela cintura e o puxava para que à penetrasse mais ainda, o pau já estava quase na metade dentro, Antúnes começou a fazer aquele movimento, permitindo que ela lubrificasse melhor e a vagina se abrisse melhor, em pouquíssimo tempo seu pau estava completamente dentro daquela apertada e quente xota. Estava



gostoso demais para os dois, Alíce gemia já de muito prazer, e não conseguia controlar então ela mesma tapava sua boca para reduzir o barulho, virou-se e ficou de quatro, entregando aquela bunda enorme para o patrão, que ao meter viu seu pau ser engulido rapidamente ele mal acreditava que estava comendo aquele rabo que ele viu tantas vezes espiando-a no banho, ele socava e a bunda estremecia fazendo um som a cada socada, ele então foi socando mais rápido, e Alíce só gritava “Vai, mais, mais...” e sua irmã se masturbava de longe, deixando sua irmã aproveitar o momento dela. Quando Antúnes ejaculou dentro dela. Alíce então jogou-se na esteira, ofegante, parecia satisfeita.

O sol já nascia então Antúnes devia sair senão seria apanhado pelo pai das meninas, pegou suas roupas e saiu nú para seu quarto. Teresa e Alíce fizeram um pácto para manter aquilo só entre elas, e assim o fizeram.

Antúnes já tinha duas belas dondelas ao seu dispor quando lhe apetecesse, e aquela noite se repetiu por várias vezes, de quando em vez ele dormia só com uma, e as vezes fazia um trio, até que uma certa noite, em pleno acto com as meninas, senhor Rafael saiu de seu quarto para a casa de banho e passando pelo quarto das meninas ele ouviu gemidos, decidiu espreitar pela



janela para ver o que estava acontecendo e viu Antúnes tranzando com suas duas meninas.

Aquela visão o perturbou, ficou em choque por alguns segundos, ver seu patrão tranzando com suas meninas e parecia ser com o consentimento delas pois as duas estavam completamente a vontade. Mas mesmo assim seu instinto paterno falou mais alto, ele invadiu o quarto, agrediu o patrão, as filhas tentaram fazê-lo parar mas não conseguiram, ele o bateia com tanta força, com tanta raiva que um desses golpes o derrubou e ele bateu com a cabeça no canto da cama e caiu morto.

Tudo isso calhou com a expulsão dos portugueses, e ele conseguiu com isso encobrir seu crime e ainda apoderou-se da casa do homem, mas não se livrou do espírito dele.

Alíce engravidou dele, tendo que interromper a escola pela gestação. Teresa não teve mesmo problema mas ambas nunca mais conseguiram se relacionar com nenhum outro homem, diziam que eram visitadas todas noites pelo espírito de Antúnes que às possuía e afastava outros homens. E esse trio amoroso e espiritual nunca mais terminou.

8



A Viúva



8. A Viúva

— *“Dia 20 de setembro de 2012, lançamento da primeira pedra para construção da ponte Maputo-Katembe.”*

— *“Dia 11 de fevereiro de 2016, árvore impede o andamento das obras de construção da ponte pois se recusava a ser removida. E é necessário a intervenção da AMETRAMO para ritual tradicional.”*

— *“Dia 10 de Novembro de 2018, Inauguração da ponte Maputo-Katembe, Porém os custos da travessia muito elevados impossibilitam a uso da ponte por parte dos moradores de Katembe, fazendo com que os trabalhadores e estudantes continuassem usando o vulgo Mapapaia.”*

— *“Dia 03 de Dezembro de 2018, super lotação numa embarcação que transportava passageiros de Katembe à Maputo naufraga, vitimando cinco pessoas, entre elas um pai e sua filha única de 7 anos, tendo sobrevivido apenas a Mãe e esposa.”*

— *“Dia 27 de Dezembro de 2018, Mulher é encontrada morta nas margens da baía próximo à ponte. Causa da morte afogamento, supostamente teria se suicidado, se jogando pela ponte.”*



— *“Dia 05 de janeiro de 2019, jovem alega ter visto um fantasma na ponte Maputo-Katembe enquanto atravessava de noite. Em sua publicação em uma rede social, ele alega ter visto o espírito de uma mulher caminhando pela ponte toda molhada e quando ele parou para ajudar, ela simplesmente desapareceu.*

NB: Não é permitido peões na ponte.”





A Viúva

Meu nome é Emerson Monteiro, tenho 19 anos, sou o filho mais velho dos meus pais Jorge e Catarina Monteiro, tenho mais uma irmã caçula a Tífane, ela têm 6 anos. Se é que existe uma família perfeita, somos nós, temos nossos desentendimentos como qualquer outra, mas nos amamos muito.

Quase no fim das férias deste ano, decidimos fazer mais um passeio, escolhemos a linda praia da ponta d'ouro como destino para passarmos lá aquela tarde de domingo pois a gente não havia atravessado a ponte ainda. Isso foi no dia 20 de janeiro de 2019.

Organizamo-nos, levamos conosco nossas comidas, nossas bebidas, metemos tudo no portamalas do carro e fomos. Ao atravessar a ponte, a gente não pôde resistir e apesar de ser proibido, decidimos parar e fazer aquela selfie, éramos só nós na ponte então não haveria problema, pensamos.

Quando estávamos exatamente no meio da ponte, a gente desceu as pressas, deixamos as portas abertas e tudo, para que fôssemos rápidos e nenhum polícia de trânsito nos flagrasse e multasse meu pai que ia ao volante, então nos posicionamos todos na frente do carro e eu claro, fiz uma selfie muito linda.



Mas enquanto fazíamos a foto, algo estranho aconteceu, de repente uma das portas traseiras do carro fechou-se com muita força. Todos nos assustamos, pois não havia nem vento soprando mas ignoramos aquilo pois estávamos com pressa de sair dali, voltamos para o carro e continuamos nossa viagem.

Chegamos à praia que é muito linda, areia limpa, água cristalina, ondas altas. Eu amo nadar, fiz natação em um clube na cidade dos meus 4 anos até 16 anos então nadar realmente era minha praia.

Montamos nossa sombra, nossas coisas, a mãe começou a fazer o churrasco, pai e eu já estávamos a vandalizar o colman, graças a Deus tenho pais jovens e liberais, com 18 anos já podia consumir álcool, com moderação claro, e beber com meu pai, ter conversas de homens, ouvir seus conselhos enquanto convivíamos era muito prazeroso, e como minha mãe nos conduziria de volta, estava tudo bem, pois ela não consome álcool.

Não demorou muito para que desse aquela vontade de se molhar, dar aquele mergulho, afinal praia serve para isso nem?

Eu fui o primeiro a me fazer ao mar, meus pais só queriam ficar naquela sombra e aproveitar a brisa do mar e Tífane se



divertia construindo castelos de areia mas a água estava incrível, nadei, fui um pouco mais para o fundo, gozar um pouco dos tantos anos de natação, fiquei l  boiando de costas, olhos fechados, sendo levado pelas ondas, naquele balançar para cima e para baixo, quase pegava no sono. Mas esse prazer me foi tirado por algo que eu n  sei explicar ainda, enquanto eu boiava tranquilamente, de repente senti algo segurando meu p  e me puxando para baixo. N  sei o que era aquilo mas estava tentar me afogar, n  podia ser outra pessoa, pois eu estava sozinho naquele lugar onde nadava, mas lutei para ir   superfície, nadei com toda fôrça que tinha, até que depois de muita luta eu consegui me soltar, e nadei de volta à praia, corri para junto da minha família e contei meus pais o que havia me acontecido, eu estava assustado e ofegante, meu pai disse que aquilo podia ter sido uma alga que ficou presa ao meu p  ou então uma rede de pesca, alguma coisa. Bom, que era alguma coisa eu sabia, pois eu senti, mas com certeza n  era nenhuma dessas coisas, aquilo até parecia mão de alguém. Se eu acreditasse em fantasmas e essas coisas, talvez eu diria que um fantasma tentou me afogar. Mas enfim, acabei deixando isso para tr s. Mas n  voltei mais para a água, n  faria isso nem amarrado.

Depois desse episódio comigo, ficamos mais um pouco na praia, até que o sol se pusesse e então regressamos   casa.



Tirando o que aconteceu comigo, foi uma tarde mágica com minha família, nos divertimos demais, ajudei Tífane a fazer um castelo enorme de areia e brincamos de várias coisas.

Chegamos à casa todo mundo exausto, fizemos nossos banhos, estávamos empanturrados pelo churrasco por isso ninguém pensava em jantar, só queríamos nossas camas para ter uma noite tranquila e relaxante. Mal sabíamos nós que aquela seria a última noite tranquila de nossas vidas.

Manhã seguinte acordamos todos, o pai já tinha saído mais cedo para o trabalho, ele trabalhava em turnos então era muito comum acordarmos enquanto ele já se foi, ou então dormirmos sem ele.

Ele se sacrificava muito por todos nós, tenho muito orgulho de ter um pai assim. Minha mãe estava de férias no trabalho, ela costuma tirar férias no mesmo período que a gente para poder passar mais tempo conosco, até porque em tempo de aula passamos o dia inteiro fora de casa e a gente pouco se via de verdade.

Aquele foi um dia normal, como de costume eu fiquei boa parte do dia no meu computador e fim da tarde fui dar umas



voltas, apanhar um ar. Tífane brincou com suas bonecas e mãe ficou vendo aquelas novelas que ela adorava.

Quando chegou a noite, o pai já havia regressado do trabalho, estávamos todos em casa, parecia uma noite normal, até quando fomos para cama, as coisas começaram acontecer, coisas estranhas. Tudo começou quando de repente, no meio da noite alguma coisa me despertou, foi uma sensação estranha de uma presença no meu quarto, como se alguém estivesse me observando, mas aparentemente não estava ninguém lá, então aproveitei para ir a casa de banho urinar, depois fui tomar uma água na cozinha e voltei para cama, peguei meu celular para ver as horas, 03:04 min, achei muito curioso ter despertado justamente à essa hora, estimei que tivesse levado cerca de 4 minutos para voltar para cama então eu teria acordado pontualmente as 03:00, isso me assustou porque já havia lido algo assombroso sobre essa hora da madrugada, eu lí que essa é a hora preferida das manifestações demoníacas, uma espécie de ironia do diabo, insultando à Deus, pois Jesus Cristo teria sido crussificado exatamente as 03:00 da tarde, associando isso à aquela sensação de estar sendo observado, não consegui mais dormir direito aquela noite.



Pela manhã eu ouvi minha mãe comentando com meu pai que havia tido um pesadelo estranho, que sonhou a se afogar no mar, e então meu pai lhe tranquilizou dizendo que aquilo era por termos estado na praia à dois dias atrás e não era nada demais. Mas eu comecei a perceber que desde aquele episódio da ponte, muita coisa estranha estava acontecer, e não podia ser coincidência, algo tentar me afogar, eu despertar no meio da noite e minha mãe sonhar a se afogar, mas prontos, posso estar a imaginar coisas demais, talvez devesse parar de ver filmes de terror.

Durante aquela mesma tarde, outras coisas estranhas continuaram a acontecer, eu estava mais atento à qualquer mudança, qualquer coisa, estava alerta. Flagrei minha irmã Tífane



brincando de bonecas e falando sozinha no quarto dela, era um pouco comum isso acontecer pois ela era muito solitária, brincava sozinha porque não à deixavamos sair para brincar com outras crianças pois vivemos na cidade e muita coisa podia acontecer com ela longe das nossas vistas, corria o risco de ser atropelada, coisas do tipo, e o número elevado de crianças desaparecidas também era um factor.

Mas mesmo assim alguma coisa estava diferente daquela vez, geralmente ela brincava e falava com as bonecas, mas aquele dia ela falava como se estivesse a brincar com mais alguém, não quis interromper e fiquei na porta só observanto, tentando entender. Quando ela me viu, imediatamente parou de brincar e ficou rindo meio que constrangida, aí eu me aproximei e perguntei com quem ela estava falando.

— Com minha amiga — Disse Tífane

— Onde ela está? — eu pertuntei, tentando confirmar minha teoria, de que algo sobrenatural poderia estar acontecendo.

— Já foi. — respondeu Tífane

— E como se chama tua amiga? — Eu perguntei.

— Wanga. — ela disse, com um ar normal, de quem realmente estava a falar de outra pessoa. Mas eu sabia que alí não



estava mais ninguém além de nós dois, então à deixei. Mas o nome ficou gravado na cabeça.

A noite caiu e nos reunimos como de costume para jantar em família, e então eu tentei abordar o assunto, falei que coisas estranhas estavam a acontecer desde que fomos à praia, que eu não sabia explicar mas sentia algo estranho na casa desde então.

Meu pai foi o primeiro a me responder, falou que eu assistia muitos filmes, que não havia nada estranho. E então o assunto foi abafado antes mesmo de começar.

Até que naquela mesma noite minha mãe teve o mesmo pesadelo, e para piorar as coisas, quando eram pontualmente 03:00 da manhã, ela despertou toda molhada como se estivesse a sair da praia, assustada e gritando acordou meu pai, somente ela, sua roupa de dormir e o lado da cama onde ela estava dormindo estava molhado, aquilo assustou também meu pai, que antes de entender o que estava a acontecer correu para nossos quartos para ver se estávamos bem passou pelo meu quarto e eu estava dormindo, me acordou e disse que algo estranho havia acontecido com minha mãe e tínhamos que ir ver se estava tudo bem com Tífane mas nos surpreendemos quando entramos no quarto dela e ela estava sentada dentro da casinha de bonecas dela que era um cantinho improvisado, feito em baixo da mesa de estudos, coberta



por um lençol branco. Ela estava com uma lanterna, brincado de bonecas com a luz do quarto apagada. Mas o que nos assustou foi que do lado de fora dava para ver claramente a sombra de duas crianças sentadas uma de frente para outra, aí meu pai correu para abrir o lençol mas quando o fez só estava Tífane lá.

Meu pai um pouco nervoso, perguntou para Tífane porquê não estava dormindo, porque era muito tarde, e com quem ela estava falando, Tífane teve medo de responder e calou-se baixando a cabeça, pois sabia que ela devia estar dormindo e iria ser castigada por estar brincando aquela hora.

Levamos Tífane para o quarto dos meus pais, onde estava minha mãe ainda sentada na cama chorando e assustada.

Ela então nos explicou que havia tido o mesmo pesadelo da noite passada mas que a sensação era muito real, e quando acordou estava daquele jeito, toda molhada. E como se isso não fosse estranho o suficiente, aquela água era salgada, era água do mar de verdade.

Todos ficamos em choque, como aquilo era possível? Meu pai então achou que não fosse o momento oportuno para lhe contar sobre Tífane pois ela ficaria ainda mais assustada, simplesmente sugeriu que fizéssemos uma oração, então todos



nos ajoelhamos na cama e começamos a orar, é costume em casa nossa mãe ministrar as orações e aquela noite não foi diferente, depois disso minha mãe foi fazer um banho e fomos todos dormir no meu quarto pois era o segundo quarto com uma cama casal, a cama deles estava molhada. Eu, minha mãe e Tífane nos ajeitámos na cama e meu pai ficou no pequeno sofá que eu tinha no quarto.

Tentamos dormir mas ninguém conseguiu mais pregar o olho, excepto Tífane que era muito nova para entender o que estava acontecer.

Quando amanheceu, meus pais decidiram que deviam chamar o padre da igreja onde rezávamos, explicar o que havia acontecido e pedir para que abençoa-se a casa e a nós, para que mais nada de estranho acontecesse. Até então meus pais cogitavam a idéia de que tudo aquilo podia ser resultado de uma macumba jogada para a família por causa de inveja, pois estávamos muito bem financeiramente, e nem todo mundo ficava feliz por isso, seria normal que algum vizinho ou mesmo amigo da família se sentisse com inveja e por não conseguir ter o que tínhamos, jogasse algum tipo de feitiço para nos desgraçar.

Naquela mesma tarde meu pai saiu para a igreja, voltou com o padre e mais um assistente, o pai explicou tudo que havia



acontecido e eu complementei com as coisas que eu vinha observando, o padre então com a ajuda do assistente preparou água benta, e começou a jogar pela casa toda, por todos os cômodos enquanto também incensava com o Turíbulo, e por fim nos reuniu na sala e fez uma oração para espantar seja o que for que estivesse a infernizar-nos e por fim despediu-nos, dizendo que estava tudo bem, nada mais iria acontecer e que precisávamos fazer uma oração sempre antes de dormir para não termos pesadelos e tudo mais.

A gente seguiu todas orientações do padre, procuramos acreditar que estava de facto tudo resolvido, e que tudo voltaria ao normal. O dia se passou, a noite chegou e fomos para a cama. Mas antes nos reunimos todos para mais uma oração ministrada pela mamãe antes de dormir e então levei Tífane para coloca-la para dormir, e então fui ao meu quarto fazer o mesmo.

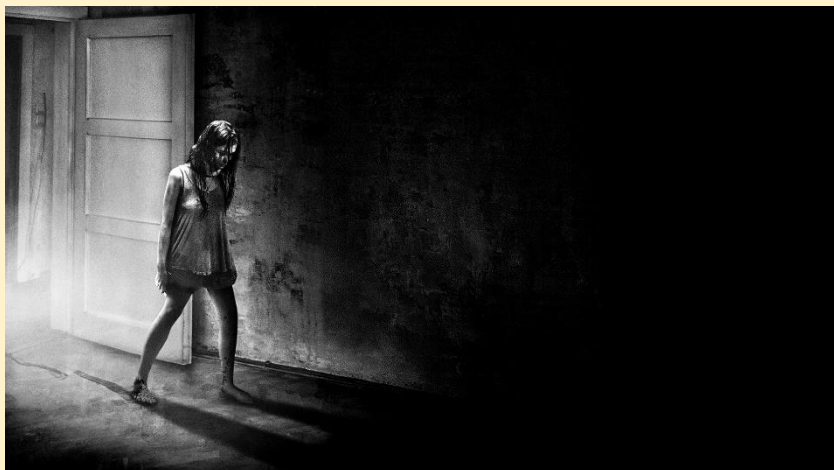
Desperto novamente pela madrugada, olho para o relógio do meu celular para confirmar, pontualmente 03:00.

— Mas o que está acontecer aqui — pensei indagado. E então me levantei para a cozinha, tomar água.

Quando estava na cozinha, prestes a voltar para o quarto, vejo de raspão uma criança sobindo as escadas em direção aos



quartos, rindo, eu assustei-me de princípio e tentei segui-la, ela logo entrou no quarto da Tífane, eu pensei ‘bom, só pode ser ela, fora da cama novamente, vou lhe dar uma bronca’’, então subi as escadas rapidamente, chateado por ela ter me pregado um susto e tanto, abri a porta e ela estava deitada na cama, dormindo, cutuquei-a achando que ela estivesse fingindo, ela acordou e pareceu estar a dormir faz tempo, eu conheço minha irmã, sei quando ela está fingindo, ela estava mesmo dormindo desde que à coloquei na cama, nesse momento comecei a ficar mais assustado, — ‘se ela estava dormindo o tempo todo, quem é que eu ví subindo as escadas? com quase a mesma altura da Tífane! Eu não estava louco eu realmente ví alguém entrando neste quarto. — enquanto eu pensava nisso, alguém começou a mexer-se dentro da casinha de bonecas da Tífane, e soltou a mesma risada que eu escutei na cozinha e água começou a jorrar da casinha para fora.



— Quem está aí? Eu perguntei, muito assustado pois não era suposto ter mais alguém em casa.

Quando Tífane me respondeu: — É a Wanga.

Aquilo era assustador demais, peguei Tífane no colo e corri com ela para o quarto dos meus pais e acordei eles, contei o que havia acontecido e puxei eles para o quarto da Tífane, chegando lá, quando eu ia mostrar a água que estava no quarto e que havia alguém na casinha de bonecas, toda água havia sumido. O quarto estava limpo e seco, como se nunca tivesse tido uma única gota de água no chão e não havia ninguém no quarto.

— Eu juro que o quarto estava cheio de água à menos de dois minutos atrás, eu não estou maluco! — eu disse para eles.



— Tífane também viu, ela estava acordada, pode confirmar, e estava alguém dentro da casinha rindo. Eu ouvi e ví claramente — complementei muito nervoso e confuso. Tífane por sua vez confirmou, dizendo que sim.

— Era Wanga que estava na casinha, ela gosta de brincar com as minhas bonecas — complementou ela.

— Eu juro que estava lá alguém, eu já ví Tífane brincando com alguém, o pai também viu sombra de outra criança na casinha. Não pode ser coincidência, é melhor começarmos a levar isso muito a sério — Eu tentei argumentar.

— Como assim sombra de outra criança? Que história é essa amor? — Perguntou minha mãe ao meu pai, sem fazer a mínima idéia do que eu estava falar!

— Desculpa amor, eu não quis te assustar mais do que já estavas, na noite passada, quando fui buscar a Tífane, Emerson e eu encontramos ela brincando aparentemente sozinha, mas por fora da tenda era possível ver a sombra de duas crianças, eu só contei isso ao Padre pois havias passado por uma experiência má, preferi esperar mais um pouco para te contar. — respondeu meu pai.



— Por favor, não me esconda mais nada. — disse minha mãe, chateada.

— Gente, eu não vou conseguir dormir sozinho, obviamente o que estava acontecer não parou. Melhor dormirmos juntos esta noite também. — eu sugeri, bem assustado.

— Também acho. Vamos para o meu quarto, mas antes vamos fazer uma oração — disse meu pai, enquanto saíamos do quarto.

— Vão adiantando, eu vos encontro no quarto, vou tomar uma água — Disse mãe, e ela dirigiu-se para a cozinha enquanto eu, o pai e Tífane fomos ao quarto.

Poucos minutos ela voltou. Fizemos a oração, era costume que minha mãe ministrasse as orações, mas aquela noite foi diferente, ela insistiu que meu pai o fizesse, todos estranhamos, mas meu pai acabou por nos guiar e depois deitamo-nos para dormir. Novamente somente a Tífane conseguiu, nós três estávamos assustados demais e muito alertas para realmente apanhar sono naquelas circunstâncias.

Pela manhã. Meus pais discutiam sobre o que fazer, meu pai sugeria chamar um curandeiro, mas minha mãe era contra a idéia, sem argumentos claros ela simplesmente se recusava. Dizia



ser contra essas práticas. Mas meu pai estava decidido que iria mesmo chamar um curandeiro pois ele já acreditava que alguma coisa nos assombrava.

Depois da discussão meu pai saiu, certamente para procurar a AMETRAMO, nós ficámos em casa, minha mãe agia de forma estranha desde a noite passada, eu e Tífane ficamos na sala de estar assistindo tv, não havia muito para se fazer, mas minha mãe decidiu ir se trancar no quarto. Não queria falar com ninguém, ela estava mesmo estranha.



Cerca de meia hora depois, enquanto eu estava com Tífane sentados no sofá, ví pelo relfexo da tv a silhueta de uma mulher



atrás de nós levantando uma faca como quem ía furar-nos, imediatamente pulei do sofá com Tífane, e a faca espetou o sofá, escapamos por questão de milésimos de segundo, quando vi-me para ver quem era, fiquei em choque, era minha mãe segurando uma faca. Não quis acreditar no que via e perguntei:

— Mãe o que estás a fazer? Larga essa faca pelo amor de Deus.

E quando ela levantou o rosto eu pude ver, os olhos dela, estavam completamente brancos, seu rosto estava pálida, visivelmente possuída por alguma coisa.

Então eu peguei Tífane no colo e saí correndo em direção as escadas para o meu quarto. Minha mãe seguiu-nos, trepando as paredes, o que era fisicamente impossível, neste momento eu tive certeza, não era mais ela naquele corpo, felizmente conseguimos entrar no quarto antes dela, e tranquei a porta, mas ela batia a porta com muita força como se fosse arromba-la e eu tive que ficar empurando a porta para que ela não conseguisse arromba-la, enquanto isso, peguei meu celular que estava no bolso e liguei desesperado para meu pai.





— Pai, onde você está? Volta para casa muito rápido, a mãe está possuída. — eu disse, muito ofegante, nervoso e gritando pois o barulho do bater da porta dificultava a comunicação.

— Fala devagar, eu não estou a entender nada. O que aconteceu? Que barulho é esse? — perguntou meu pai.

— A Mãe está com os olhos estranhos, ela tentou nos matar com uma faca. E agora está tentar entrar no quarto. Seja rápido. — eu respondi.

— E a Tífane, onde ela está? Ela está bem? — perguntou meu pai já nervoso.

— Ela está bem, está aqui comigo. — eu respondi.

— Está bem, estou a chegar já já. — respondeu meu pai, desligando o celular. Nesse momento, o bater da porta parou. O lugar ficou silencioso por um instante. Deixando a situação ainda mais agonizante pois eu não sabia o que estava acontecendo de trás da porta, e estava preocupado com minha mãe. Mas não podia sair, não podia deixar minha irmã sozinha. Fiquei sem saber o que fazer. Quando de repente ouço a voz de meu pai, chamando por nós, perguntar onde estávamos, com o tom preocupado, então desesperado eu abro a porta para tentar ir junto à ele. Mas se



tratava de mais um truque malévolo daquela criatura que havia possuído minha mãe. Assim que eu abri a porta ela me derrubou levando Tífane com ela para a sala de estar.

Eu corri atrás delas, ela estava por cima da Tífane com a faca em punho, pronta para enfia-la no peito da menina, e por muito pouco consegui segura-la antes que ela o fizesse, mas ela era muito forte, estava prestes a conseguir se soltar quando meu pai entrou pela porta correndo, e ajudou-me a segurar ela. Logo atrás dele entraram três curandeiros que ajudaram a segura-la e amarra-la ao pé das escadas.

Meu pai mandou-me tirar Tífane da sala e então lhe levei para o meu quarto e tentei acalma-la, pois ela chorava muito, estava em choque, traumatizada por tudo aquilo que havia visto. Sua mãe possuída, tudo aquilo que a gente evitava que ela visse em filmes de terror para não assusta-la, ela viu ao vivo, com apenas 5 anos, eram cenas fortes demais para ela. Enquanto isso, os curandeiros na sala preparavam o ritual para expulsar aquele espírito que estava dentro dela. Que cada vez mais se apoderava dela, seu rosto ia se transformando aos poucos e ficando ainda mais medonho, ela se debatia, gritava, falava em changana, coisas que não eram muito compreensíveis, e apesar de estar amarrada,



precisavam segurá-la pois podia se soltar, a força que ela tinha era de três homens fortes.



Então o ritual iniciou, com alguns batuques, e cantos. O curandeiro principal segurou na cabeça dela e começou a orar, pegou em algumas cordas coloridas que trazia consigo, parte de seu material de trabalho, também conhecido por “Xifungo” e amarrou nela, quanto mais ele orava mais ela gritava e o espírito manifestava, aquele procedimento durou por uns 5 minutos, até que ela de repente parou de gritar, e simplesmente ficou a respirar fundo e ofegante, sua respiração era tão forte que fazia sons, grunhidos parecendo um animal enraivecido.



O curandeiro começou a conversar com o expírito dentro dela, pedindo que se indentificasse, e ela respondia em meio a sua respiração demoníaca, disse seu nome, “Melva”, então ele perguntou o que ela queria, ela explicou que queria matar a família toda, o curandeiro perguntou quem havia mandado ela para aquela família, julgando se tratar de uma macumba, mas ela disse que ninguém à mandou, ela havia escolhido aquela família. Quando questionada porquê, ela falou que sentia ódio das pessoas que fizeram a ponte para Katembe e das pessoas que tinham condições para usa-la, pois sua família toda havia morrido em um naufrágio por não ter condições para usar a ponte e então ela



suicidou-se se jogando pela ponte mas sua mágoa e seu ressentimento não à deixaram encontrar o caminho para o céu. Sua alma ficou presa à aquela maldita ponte. Uma vez encontradas as respostas que procuravam, o curandeiro continuou com o ritual de expulsão do espírito definitivamente, rezando alto, gritando, em uma competição de forças com o espírito que começou a abandonar o corpo e trazendo a mãe de volta, finalmente o espírito abandonou o corpo e ela desmaiou. Permaneceu alguns segundos inconsciente, seu rosto voltava ao normal e só depois meu pai conseguiu acorda-la, muito fraca, ela disse que o tempo todo ela esteve consciente mas não conseguia controlar seu próprio corpo. Que noite passada quando ela foi a cozinha beber água na, foi atacada pelo espírito e ela à possuio, disse ainda chorando que ela jamais faria mal aos próprios filhos, que ela nos amava muito.



Os curandeiros terminaram seu trabalho, deram alguns objectos para que protegessem a casa e todos nós e então se foram. Finalmente tudo havia voltado ao normal, a noite caiu e

todos nós dormimos tranquilamente, nada de estranho aconteceu, acreditamos que o trabalho feito havia realmente resultado.

Pelomenos era o que pensávamos.

FIM.





“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo.”

João, 4 : 1-3